

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

HEUNG GUN GONÇALVES

**Retrato da imigração coreana no Brasil através do levantamento bibliográfico de
dissertações e teses acadêmicas produzidas em português**

São Paulo

2020

HEUNG GUN GONÇALVES

**Retrato da imigração coreana no Brasil através do levantamento bibliográfico de
dissertações e teses acadêmicas produzidas em português**

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Letras Coreano.

Área de Concentração: Imigração coreana no Brasil

Orientador: Profa. Dra. Yun Jung Im

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G635r Gonçalves, Heung Gun
Retrato da imigração coreana no Brasil através do
levantamento bibliográfico de dissertações e teses
acadêmicas produzidas em português / Heung Gun
Gonçalves ; orientadora Yun Jung Im. - São Paulo,
2020.
89 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de Letras
Orientais. Área de concentração: Estudos Literários e
Culturais .

1. Levantamento bibliográfico. 2. Imigração
coreana. 3. Comunidade coreana no Brasil. 4.
Diáspora coreana. I. Im, Yun Jung , orient. II.
Título.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus fonte de inspiração, aos meus pais e minha esposa por todo o apoio recebido durante a trajetória que levou à elaboração deste trabalho.

À USP pela oportunidade de estudar nesta instituição, em especial a minha professora orientadora Yun Jung Im, coordenadora do curso de Língua e Literatura Coreana da universidade, pelo seu fundamental direcionamento e suporte acadêmico, assim como pelas suas importantes contribuições neste trabalho.

Gostaria também de deixar meus sinceros agradecimentos aos autores deste levantamento bibliográfico pela oportunidade de estudar suas pesquisas, sobretudo àqueles que me deram ânimo e disponibilizaram suas obras neste tempo de acesso restrito às bibliotecas por razão da pandemia do Coronavírus.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos que, de uma forma ou outra, apoiaram-me neste trabalho, seja por meio de sugestões e ideias, na revisão do texto, na elaboração do mapa, entre outras coisas. A vocês todos, o meu muito obrigado.

RESUMO

GONÇALVES, Heung Gun. **Retrato da imigração coreana no Brasil através do levantamento bibliográfico de dissertações e teses acadêmicas produzidas em português**. 2020. 89 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

No ano de 2019, comemorou-se o 60º aniversário do estabelecimento de relações diplomáticas entre Brasil e Coreia do Sul, um dos marcos da imigração coreana cuja história teve seu início em 12 de dezembro de 1963, data da chegada do primeiro grupo oficial de imigrantes coreanos no Brasil. Recentemente, o interesse maior dos brasileiros pela língua e cultura coreana têm os aproximado da comunidade coreana no país. Portanto, uma importância deve ser dada à trajetória deste povo migrante, a fim de compreender os fenômenos atuais da comunidade. Assim, este trabalho acadêmico objetiva trazer um retrato do assunto da imigração coreana no Brasil, sob o olhar de dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas em português. A primeira etapa deste trabalho constituiu num levantamento bibliográfico feito nas bibliotecas digitais das instituições de ensino superior público e privado, bem como em outros banco de dados. Ao todo, listou-se 21 obras, sendo elas, 18 dissertações de mestrado e 3 teses de doutorado. Uma análise descritiva por meio da leitura e fichamento destas, constou como segunda etapa. As obras identificadas pelo levantamento bibliográfico abrangem áreas de atuação diversa como história, antropologia, psicologia, linguística, gerontologia, ciência da religião, turismo etc. Tal natureza, possibilitou criar um espaço onde “os autores” pudessem dialogar com temas em comum, onde foram identificadas perspectivas iguais, complementares ou até mesmo diferentes entre si. Estas dissertações e teses possibilitaram trazer uma visão mais completa da vida dos imigrantes coreanos, assim como novas reflexões e questionamentos a respeito da comunidade coreana. Por conseguinte, por meio deste trabalho, uma melhor compreensão dos locais de acesso físico e digital das obras foi possível, contribuindo para sua melhor divulgação no meio acadêmico, além de representar uma singela contribuição para a difusão da história e da cultura coreana no Brasil.

Palavras-chave: Levantamento bibliográfico. Imigração coreana. Comunidade coreana no Brasil. Diáspora coreana.

ABSTRACT

GONÇALVES, Heung Gun. **A portrait of Korean immigration in Brazil through a bibliographical survey of academic theses and dissertations produced in Portuguese.** 2020. 89 f. Individual Graduation Research – Faculty of Philosophy, Languages and Literature, and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2020.

In 2019, it was celebrated the 60th Anniversary of the establishment of diplomatic relations between Brazil and South Korea, which is one of the milestones of Korean immigration whose history began on December 12th, 1963, the date of the arrival of the first official group of Korean immigrants in Brazil. Recently, the greater interest of Brazilians in the Korean language and culture has been bringing them closer to the Korean community in the country. Therefore, special attention must be given to the trajectory of this migrant people in order to understand the current phenomena of the community. Thus, this Individual Graduation Research aims to bring a portrait of the subject of Korean immigration in Brazil, under the eyes of master's theses and doctoral dissertations published in Portuguese. The first stage of this academic work was a bibliographic survey conducted in the digital libraries of public and private higher education institutions, as well as in other databases. In total there were 21 studies listed, including 18 master's theses and 3 doctoral dissertations. The second stage consisted of a descriptive analysis carried out through the reading and through making summaries of these studies. The studies identified by the bibliographic survey cover diverse areas of activity such as history, anthropology, psychology, linguistics, gerontology, science of religion, tourism etc. Such nature made it possible to create a space in which "the authors" could dialogue with common themes, where equal, complementary or even different perspectives were identified. These academic theses and dissertations made it possible to bring a more complete view of the lives of Korean immigrants, as well as new reflections and questions regarding the Korean community. Therefore, by means of this academic work, a better understanding of the physical and digital access places of the studies was possible, contributing to their better dissemination in the academic field, besides representing a simple contribution to the dissemination of Korean history and culture in Brazil.

Keywords: Bibliographic survey. Korean Immigration. Korean community in Brazil. Korean Diaspora.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Distribuição em porcentagem dos estudos brasileiros sobre a Coreia do Sul, publicado em categorias (1966-2007).	16
Gráfico 2	Número de dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre a Coreia do Sul aprovadas em universidades brasileiras, por área de especialização (1966-2007).	17
Gráfico 3	Referencial bibliográfico comum em dissertações e teses sobre a imigração coreana no Brasil (em porcentagem).	21
Gráfico 4	Quantidade de dissertações e teses relacionadas à imigração coreana publicadas por universidades do estado de São Paulo.	36
Gráfico 5	Número dissertações e teses do levantamento bibliográfico por tema comum abordado.	37

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Localização das instituições de origem das dissertações e teses publicadas sobre da imigração coreana.	36
--------	--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Dissertações e teses relacionadas à imigração coreana produzidas em português.	18
Tabela 2	Cronologia dos principais acontecimentos do processo de imigração coreana no Brasil.	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Associação Brasileira dos Coreanos
ABEC	Associação Brasileira da Educação Coreana
ABUC	Associação Brasileira dos Universitários Coreanos
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
LM	Língua Materna
LP	Língua Portuguesa
Neasia	Núcleo de Estudos Asiáticos
RI	Relações Internacionais
TGI	Trabalho de Graduação Individual
TKD	Taekwondo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1. O UNIVERSO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	15
CAPÍTULO 2. HISTÓRIA DA EMIGRAÇÃO COREANA: Um recorte do seu <i>background</i> histórico	23
CAPÍTULO 3. A IMIGRAÇÃO COREANA NO BRASIL: Um panorama geral	26
3.1 Aspectos gerais do processo de imigração para o Brasil	26
3.2 Os movimentos migratórios para o Brasil	29
CAPÍTULO 4. DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE A IMIGRAÇÃO COREANA NO BRASIL: Uma análise de temas	35
4.1 A formação do bairro multiétnico do Bom Retiro: um foco na comunidade coreana	38
4.2 A comunidade coreana e suas redes sociais	42
4.2.1 Família	42
4.2.2 Escola	43
4.2.3 Igreja	44
4.2.4 Associações civis na comunidade coreana	45
4.2.4.1 Associação Brasileira dos Coreanos	45
4.2.4.2 Associação Brasileira da Educação Coreana	46
4.2.4.3 Mídia	46
4.2.4.4 Outras organizações	47
4.3 A imigração coreana e o protestantismo	47
4.4 O papel da mulher coreana imigrante	50
4.5 Os imigrantes coreanos e o comércio na zona urbana	52
4.5.1 Os primórdios das atividades comerciais	52
4.5.2 A economia têxtil no bairro do Bom Retiro	55
4.5.3 Diversificação das atividades econômicas	57
4.6 Os imigrantes coreanos e a sua ascensão social	58

4.7 Os imigrantes coreanos e a educação	60
4.8 A crise de identidade e os conflitos entre gerações de imigrantes coreanos	64
4.8.1 Família	65
4.8.2 Arte marcial (<i>Taekwondo</i>)	67
4.8.3 Organização Social (ABC)	67
4.9 A importância da língua coreana e os desafios enfrentados na aprendizagem do português pelos imigrantes coreanos	68
4.10 A saúde e o bem-estar social dos imigrantes coreanos	71
 CAPÍTULO 5. QUESTÕES & PROBLEMÁTICAS	 73
 CONCLUSÃO	 75
 REFERÊNCIAS	 76
 APÊNDICE A	 87

INTRODUÇÃO

Ao se falar em Coreia, vem à cabeça a imagem de um país de tradições e, ao mesmo tempo, moderno, repleto de inovações tecnológicas e palco da cultura pop mundial. Um recente fenômeno cultural conhecido como *Hallyu*¹ (한류) – “Onda coreana”, tem se espalhado como uma febre no mundo inteiro, despertando a atenção de muitos brasileiros pela sua língua e cultura, possibilitando ainda mais sua aproximação com a comunidade coreana no Brasil.

Uma importância deve ser dada a história da imigração coreana, a fim de entender melhor os acontecimentos atuais desta comunidade. O interesse dos pesquisadores por este povo, tem levado à publicação de artigos, periódicos, livros, teses e dissertações, que contextualizam a respeito de sua imigração ao país.

Em 2019, comemorou-se o 60º aniversário do estabelecimento de relações diplomáticas entre Brasil e Coreia do Sul, um dos grandes marcos para o início da história da imigração coreana no país. Neste cenário comemorativo, optou-se pelo trabalho de graduação individual (TGI) abordando o assunto da imigração coreana. Além disso, é uma forma de agradecimento e retribuição ao corpo docente e a Universidade por todos estes anos de conhecimento e aprendizado.

Este trabalho acadêmico tem por objetivo fazer um levantamento bibliográfico e consequente análise descritiva de dissertações de mestrado e teses de doutorado referentes à imigração coreana no Brasil, produzidas em português. O trabalho está organizado em cinco capítulos, onde o primeiro descreve o processo do levantamento bibliográfico, constituído na busca e acesso a tais publicações que, posteriormente, levaram a uma consequente análise do referencial bibliográfico comum entre eles.

O segundo capítulo aborda um recorte do *background* histórico da emigração coreana, permitindo entender o momento histórico vivido pelos coreanos e quais foram as razões que os levaram a emigrar para diversas partes do mundo, com ênfase no Brasil.

O terceiro capítulo traz um panorama geral sobre processo da imigração coreana no país, fazendo uma síntese cronológica de seus principais acontecimentos e suas respectivas características, além de abordar temas como as tentativas de residência na zona rural e os primeiros anos dos imigrantes coreanos na zona urbana.

¹ Neologismo referente a popularização da cultura sul-coreana a partir de 1990, vista, principalmente, através da música pop (*K-pop*), novelas ou minisséries televisivas (*doramas*) e o cinema (*K-movie*).

O quarto capítulo faz uma análise em dez subcapítulos sobre os temas comuns classificados pela análise descritiva das dissertações e teses. Por último, o quinto capítulo do presente trabalho, sob o título *Questões & Problemáticas*, traz algumas reflexões e possíveis diálogos que possam ser estabelecidos, colaborando, assim, com novos temas para pesquisas futuras.

CAPÍTULO 1. O UNIVERSO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

As primeiras relações entre os dois países, Brasil e Coreia, podem ser vistas num contexto conturbado da história coreana em meio a Guerra Fria, onde o Brasil, alinhado às políticas e ideologias dos países ocidentais liderados pelos EUA, veio a se tornar o oitavo país do mundo e o segundo latino-americano a reconhecer oficialmente a Coreia do Sul como nação.

Segundo Masiero (1999), em 1950 o Brasil apoiou as decisões da ONU, a qual condenava o conflito entre a parte norte e a parte sul da península coreana e, assim, estabeleceu uma linha de crédito e enviou remédios e alimentos para a Coreia do Sul. Estes anos de amizade cultivados possibilitaram o estabelecimento de uma relação político-diplomática que se tornou oficial a partir de 1959.

Esta aproximação levou o crescimento gradual das relações comerciais entre os dois países que, para a década anterior, ainda eram tímidas ou praticamente inexistentes² (MASIERO, 1999). Consequentemente, os anos que se seguiram foram marcados por visitas oficiais de funcionários do governo, de lideranças políticas, interações empresariais, intercâmbios culturais e acadêmicos (GUIMARÃES³, 2009, tradução nossa).

Em relação aos estudos coreanos, o seu início remete à metade da década de 60, que apesar de não serem tão fortes como os estudos sobre o Japão ou a China, tem progredido diante da inserção do Brasil como parceiro de comércio bilateral da Coreia do Sul e em consonância com o crescimento da comunidade coreana (GUIMARÃES, 2009).

Pode-se destacar o Núcleo de Estudos Asiáticos (Neasia) pertencente ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília (UnB). O Neasia, coordenado na época pelo Prof. Dr. Lytton L. Guimarães⁴, criou no país um projeto de levantamento dos estudos sobre a Coreia do Sul e/ou Brasil-Coreia do Sul. O objetivo da análise e classificação desses estudos foi criar um centro de referência virtual de estudos coreanos no Brasil, criando uma rede de pesquisadores envolvidos nessa área (GUIMARÃES, 2009, p. 7).

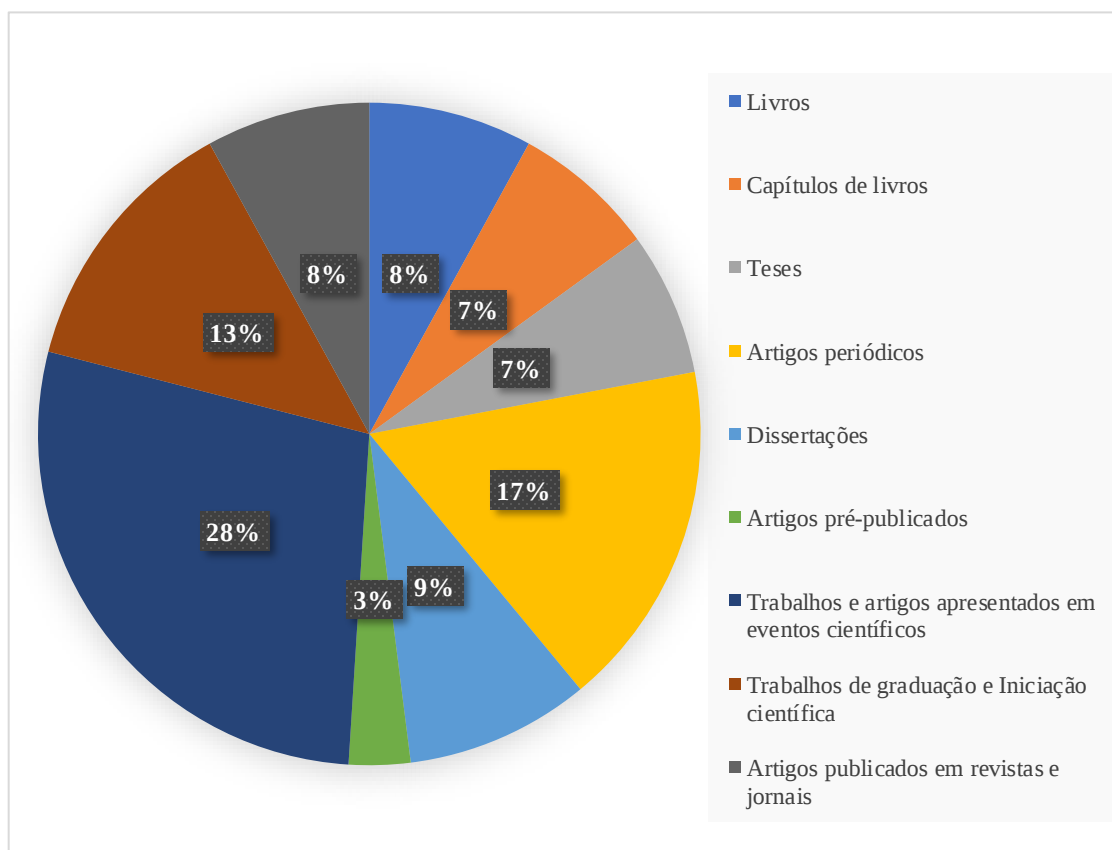
² Os dados da CACEX - Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil, informaram que em 1958 houve uma tímida exportação de café e alguns produtos químicos no valor de US\$ 12.700. Em 1960, as exportações atingiram a cifra de US\$ 800.000 e ultrapassam a marca de US\$ 1 milhão em 1962. A partir de então, apesar das exportações serem descontinuadas ou inexistentes até 1968, nos anos 70 houve um crescimento significativo nas trocas comerciais entre os dois países e, nos anos 80 as exportações brasileiras para a Coreia do Sul cresceram de um forma gradual durante toda a década (MASIERO, 1999).

³ Para a referência de Guimarães (2009), uma tradução livre foi feita do inglês para o português.

⁴ O Prof. Dr. Lytton L. Guimarães é PhD pela Universidade do Estado de Michigan, pesquisador sênior associado ao Instituto de Relações Internacionais e, atualmente, conselheiro sênior do Núcleo de Estudos Asiáticos (Neasia).

A metodologia do projeto resumiu-se à busca em bibliotecas virtuais de 55 universidades federais, duas universidades estaduais de São Paulo e duas universidades privadas, além de outras instituições como IBICT⁵, IPEA⁶, IBRI⁷ e outros banco de dados acadêmicos e periódicos. Os resultados deste projeto possibilitaram a identificação e classificação dos estudos de acordo com os tipos de publicação e áreas de especialização. Os gráficos a seguir, representam a síntese de uma pequena parcela deste projeto (GUIMARÃES, 2009, p. 7).

Gráfico 1 – Distribuição em porcentagem dos estudos brasileiros sobre a Coreia do Sul, publicado em categorias (1966-2007)



Fonte⁸: Guimarães (2009) – Neasia.

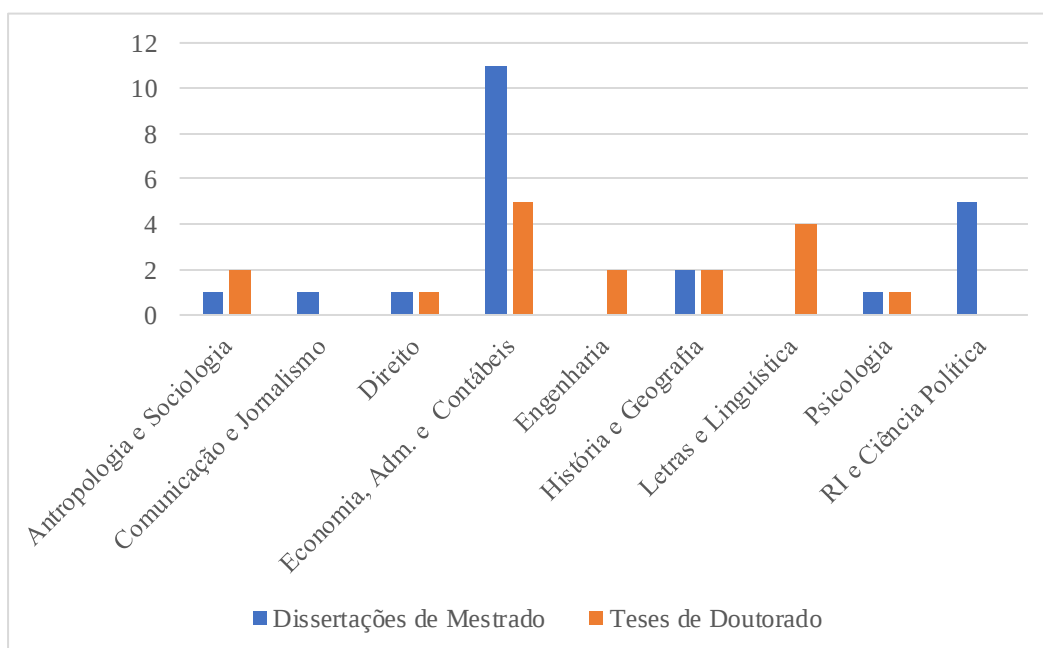
⁵ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

⁶ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

⁷ Instituto Brasileiro de Relações com Investidores.

⁸ Este gráfico foi extraído diretamente de Guimarães (2009), sendo apenas traduzido do inglês para o português.

Gráfico 2 – Número de dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre a Coreia do Sul aprovadas em universidades brasileiras, por área de especialização (1966-2007)



Fonte: Guimarães (2009) – Neasia.

Sendo assim, as pesquisas realizadas pelo Neasia demonstraram que cerca de 16% do total dos estudos coreanos publicados no Brasil, entre o período de 1966 a 2007, estão na forma de dissertações de mestrado e teses de doutorado, categorizados em 9 áreas distintas: *Antropologia e Sociologia; Comunicação e Jornalismo; Direito; Economia, Administração e Contábeis; Engenharia; História e Geografia; Letras e Linguística; Psicologia e a área de Relações Internacionais e Ciência Política* (GUIMARÃES, 2009).

Esse projeto tornou-se uma referência para o que viria ser assunto da área de pesquisa deste TGI: imigração coreana, assunto vasto por natureza dentro da área de estudos coreanos no Brasil, com publicações em trabalhos acadêmicos, artigos, periódicos, livros, entre outros. Todavia, foram abordadas apenas as dissertações e teses relacionadas ao assunto produzidas em português até o ano de 2020.

O levantamento bibliográfico das dissertações e teses sobre imigração coreana, o qual constituiu a primeira etapa do trabalho, se deu mediante a busca nos seguintes bancos de dados:

1. Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertações das Universidade Federais e Estaduais;
2. Repositórios Institucionais das Universidades Federais e Estaduais;
3. Sistema de Bibliotecas das Universidades Federais e Estaduais;

4. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações⁹ (BDTD);
5. CAPES-Catálogo de Teses e Dissertações;
6. Portal Brasileiro de Publicações Científicas em Acesso Aberto;
7. Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD);
8. Bielefeld Academic Search Engine (BASE);
9. Open Access Theses and Dissertations (OATD);
10. PQDTOPEN-Open Access Dissertations and Theses;
11. ProQuest-Dissertations & Theses Global.

Ao todo, listou-se 21 obras, sendo elas, 18 dissertações de mestrado e 3 teses de doutorado publicadas por instituições de ensino superior público e privado no Brasil.

Tabela 1 – Dissertações e teses relacionadas à imigração coreana produzidas em português¹⁰

Nº	Autor	Título	Ano	Instituição de origem	Área
1	CHOI, Keum Joa	Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil.	1991	USP/ FFLCH	História Social
2	KANG, Sam	Socialização de jovens imigrantes coreanos.	1993	USP/ Psicologia	Psicologia Social
3	KIM, Hyung Mi	Han-guk yonsok-kuk: nas salas de vídeo, uma janela para a Coreia - etnografia do conteúdo simbólico das novelas coreanas.	1996	USP/ FFLCH	Antropologia Cultural e Social
4	CHOI, Keum Joa	Aspectos fonético-fonológicos do português falado por coreanos: evidências de transferências/interferências da língua materna na segunda língua.	1996	USP/ FFLCH	Semiótica e Linguística Geral
5	SANTOS, Márcio Pereira	O Bom Retiro: uma paisagem paulistana.	2000	USP/ FFLCH	Geografia Humana

Continua

⁹ A BDTD concebida e mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) é o principal banco de acesso à textos completos de dissertações e teses defendidas pelas instituições brasileiras de ensino e pesquisa. Atualmente, há mais de 130 instituições, tanto de ensino público como privado, participantes da BDTD.

¹⁰ A tabela completa com todas as informações está no **APÊNDICE A** deste trabalho.

6	NEGAWA, Sachio	Formação e transformação do bairro oriental: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915 - 2000.	2000	USP/ FFLCH	Sociologia Urbana
7	ROGANTI, Margareth Ap.	A imigração coreana: o processo de fixação e ascensão social dos imigrantes e descendentes no bairro do Bom Retiro.	2004	Unesp/ Araraquara	Sociologia
8	MARTA, Felipe Eduardo Ferreira	O caminho dos pés e das mãos: Taekwondo. Arte marcial, esporte e a colônia coreana em São Paulo (1970-2000).	2004	PUC- SP	História Social
9	ARAÚJO, Edson Isaac Santos	Os missionários protestantes Coreanos na periferia da grande São Paulo (Cumbica): um estudo de caso.	2005	Mackenzie	Ciências das Religiões
10	WON, Sung Sun	As mulheres coreanas na Coreia e no Brasil: as mudanças de seu papel com a imigração para o Brasil e suas implicações para o aconselhamento.	2005	Mackenzie	Teologia/ Aconselhamento
11	KANG, Sam	Estudo transversal sobre a saúde mental de imigrantes coreanos em São Paulo	2006	Unifesp	Psiquiatria e Psicologia Médica
12	LIM, Daniel Hyun Cho	Contribuição sociorreligiosa de missionários sulcoreanos na cidade de Jandira-SP: um estudo de caso.	2009	Mackenzie	Ciências da Religião
13	SILVA, Silvania Maria Portela	Imigração coreana e protestantismo no Brasil: diálogo entre identidade religiosa e identidade étnica.	2009	Mackenzie	Ciências da Religião
14	HONG, Hee Jeung	Imigração e envelhecimento em São Paulo: perfil de um grupo de idosos coreanos.	2010	PUC-SP	Gerontologia
15	SAKAGUCHI, Noemia Fumi	Alfabetizar letrando em português como língua estrangeira: as histórias não contadas por um grupo de crianças coreanas.	2010	Unicamp	Linguística Aplicada

16	MONTEIRO, Rafael Galvão	Imigração coreana e patrimônio cultural no Bom Retiro/SP.	2011	Univ. Anhembi Morumbi	Dimensões Conceituais e Epistemológicas da Hospitalidade e do Turismo
17	YANG, Eun Mi	A "geração 1.5" dos imigrantes coreanos em São Paulo: identidade, alteridade e educação	2011	USP/FE	Cultura, Educação e Organização
18	CHI, Jung Yun	O Bom Retiro dos coreanos: descrição de um enclave étnico.	2016	USP/FAU	Paisagem e Ambiente
19	VIGGIANI JÚNIOR, Edson	Bom Retiro: imagens, culturas e identidades.	2016	USP/ECA	Teoria e Pesquisa em Comunicação
20	BAE, Ester	Uma nova face da imigração: um estudo dos expatriados Sul Coreanos e sua inserção social em São Paulo.	2019	PUC-SP	Ciências Sociais
21	LEITE, Eanne Palacio	Mobilidades e turismo urbano: estudo sobre o legado étnico da comunidade coreana no Bom Retiro (São Paulo / Brasil).	2020	USP/EACH	Desenvolvimento em Turismo

Conclusão

Fonte: Produção do próprio autor.

A seguir, me permitam relatar alguns registros deste desafiante processo de busca e acesso de tais obras ao longo da minha pesquisa bibliográfica. Identificar os locais de origem e obter o acesso destas obras foi um trabalho um tanto peculiar e diferente do habitual, diante do contexto da pandemia da Covid-19 que enfrentamos neste ano de 2020. Perseverança e uma boa motivação foram a chave para lograr este objetivo.

Inicialmente, procurei encontrar tais dissertações e teses nas Bibliotecas Digitais das universidades, entretanto, apenas 11 das 21 que pré-cataloguei na minha lista, estavam presentes na versão digital de acesso. Outros banco de dados na internet, como mencionei acima, se tornaram uma segunda opção, entretanto, foram poucos os resultados obtidos.

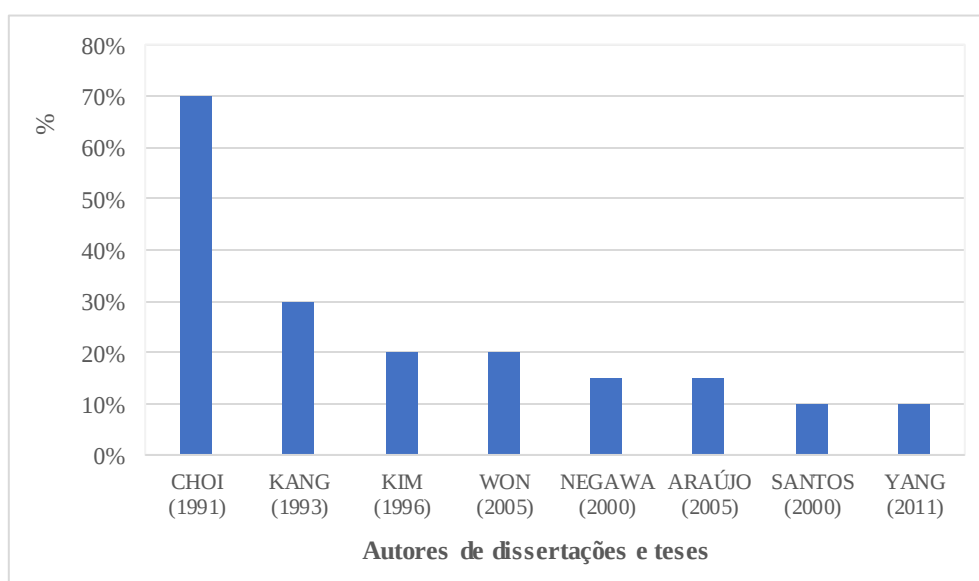
Sendo assim, estratégias foram traçadas para a obtenção do restante das obras. Entre elas, as que deram êxito, destaca-se a busca do endereço eletrônico do autor em sites de pesquisa, em currículos acadêmicos ou em outras publicações feitas pelo mesmo. Entretanto, ainda havia casos remanescentes, restando como uma das últimas alternativas o contato com os seus

orientadores, os quais, prontamente me acolheram e me possibilitaram encontrar caminhos até mesmo diretos até eles, basicamente por meio do e-mail eletrônico.

Portanto, este processo de “correr atrás” destas importantes obras, algumas consideradas relíquias, propiciou ótimas experiências, as quais posso levar para vida, além de possibilitar uma aproximação inesperada com alguns autores, sempre recebendo de todos eles apoio e ânimo para a conclusão deste trabalho acadêmico.

A segunda etapa da pesquisa, que compõe a análise descritiva baseada praticamente na leitura e fichamento das dissertações e teses, possibilitou a percepção da variedade temática dentro do assunto da imigração coreana, conforme a área de atuação do pesquisador. Uma análise da bibliografia delas levou a síntese do seguinte gráfico:

Gráfico 3 – Referencial bibliográfico comum em dissertações e teses sobre a imigração coreana no Brasil (em porcentagem)



Fonte: Produção do próprio autor.

Sendo assim, nota-se que 70% das obras deste levantamento bibliográfico têm no seu referencial teórico a tese de CHOI¹¹ (1991), KANG (1993) em 30% e, KIM (1996) e WON (2005), ambos em 20% das obras apresentadas. A seguir, se apresentam em 15% para

¹¹ As referências bibliográficas desta dissertação constituem um material único composto por publicações de jornais, revistas, documentos oficiais do governo, depoimentos etc. Sendo assim, não foi necessário uma análise detalhada da sua bibliografia já que a própria obra é uma referência para os autores deste levantamento bibliográfico, além de ser também a mais antiga entre eles. Portanto, apenas 20 obras, à exceção de Choi (1991), compõem a análise que levou a síntese do Gráfico 3.

NEGAWA (2000) e ARAÚJO (2005) e, em 10% tanto para SANTOS (2000) como para YANG (2011).

É importante ressaltar que, durante as leituras de pesquisa das obras, a autora *Choi Keum Joa* tem sido citada acentuadamente por eles. Por isso, para este trabalho acadêmico, a autora poderia ser considerada referência número um no que diz respeito ao assunto da imigração coreana no Brasil, não restringindo apenas para este fato, mas também em adição a enorme quantidade de trabalhos publicados por ela sobre este assunto, entre outros temas afins relacionados. Dentro de sua produção acadêmica¹² a respeito da imigração coreana e comunidade coreana no Brasil, destaca-se, além de sua dissertação pioneira de mestrado e sua tese de doutorado: 3 artigos¹³ (no Brasil), 14 artigos (na Coreia do Sul), 11 capítulos de livros (na Coreia do Sul), 3 publicações em revistas e jornais (na Coreia do Sul) e 3 livros didáticos de português para coreanos (na Coreia do Sul).

Portanto, apesar dos títulos das dissertações e teses serem bem variados, a análise descritiva dos mesmos possibilitou concluir que, mesmo havendo diferenças no nível de complexidade em suas abordagens, todos tratam alguma parcela da imigração coreana no contexto existente de certo referencial teórico comum, o que possibilitou a abordagem do assunto neste TGI.

Antes de evidenciar propriamente a história e o processo migratório dos coreanos para o país, seria de grande interesse abordar o contexto histórico vivido por eles na península coreana, que os levou a emigrarem para diversos países do mundo, inclusive o Brasil.

¹² Dados informados diretamente pela autora. Mensagem recebida por felizchoi@gmail.com em 12 de out. 2020.

¹³ Em destaque os artigos a seguir:

- A imigração coreana para o Brasil: no contexto de globalização da economia. **Revista Emigração e Imigração Internacionais no Brasil**, Contemporâneo, Campinas, Unicamp, out.1996.
- Imigração coreana na cidade de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 40, p. 233-238, 1996b.
- O papel da Igreja dentro da comunidade coreana no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Vozes, Rio de Janeiro, v.55, n. 219, p. 657-664, set.1995.

CAPÍTULO 2. HISTÓRIA DA EMIGRAÇÃO COREANA: Um recorte do seu *background* histórico

O passado da Coreia remete a uma história de vários milênios marcada por constantes guerras e sofrimento. Sendo aquele que estava sujeito a constantes ataques de outros povos, a Coreia foi um pequeno território ambicionado pelos grandes que circundavam a sua fronteira. Localizada no extremo nordeste do continente asiático, com um área total de 219.155 quilômetros quadrados, partilha sua fronteira ao norte com a China e com Rússia, ao leste com Mar do Leste (oriental) e o Mar Amarelo a oeste.

A diáspora coreana teve início no século XX, quando a Coreia entrou no turbilhão de acontecimentos que mudaram drasticamente a sua história. Já em 1905, no contexto da Guerra Russo-Japonesa, as tropas japonesas em solo coreano cercaram o palácio do rei, obrigando-o a assinar o que passaria ser o Tratado de *Eulsa* em agosto de 1905. Este tratado passaria a pasta de relações exteriores da Coreia (que havia se declarado Império *Daehan* em 1897) para o controle do Japão. Em 1910, foi assinado o Tratado de Anexação Japão-Coreia tirando qualquer autonomia que os coreanos pudessem ter sobre si mesmos, reduzindo-o ao um mero protetorado japonês. A partir deste momento, o Japão exclui dos coreanos todos os assuntos administrativos nacionais, iniciando, então, um projeto ambicionado de construção de um governo colonial na península coreana.

Com o passar do tempo, a Coreia tornou-se uma colônia de exploração. “[...] aos poucos, os japoneses tomaram conta da economia, das propriedades, introduziram novas forças produtivas e os coreanos passaram a ser explorados de forma cada vez mais intensa e cruel.” (BAE, 2019, p. 66). Este domínio foi estendido para o âmbito social e cultural e, até mesmo interferindo na identidade do povo coreano.

O cenário mudaria de figura após três décadas, com a derrota dos países do Eixo em 15 de agosto de 1945, ao fim da Segunda Guerra Mundial, com o exército japonês se retirando da península. Porém, a euforia da libertação não perdurou por muito tempo. Em 1948, no contexto da Guerra Fria, a península coreana foi dividida em dois, acima do paralelo 38, a Coreia do Norte, socialista, ficou sob influência e domínio da extinta URSS e abaixo, a Coreia do Sul, capitalista, ficou sob influência e apoio dos EUA. Como consequência desta divisão, a Guerra da Coreia teve seu início em 1950, provocada pela invasão da Coreia do Norte sobre a Coreia do Sul.

Assim, este período da história coreana marcada por divisões e guerras foi seguido de um quadro de instabilidade política e social, assim como uma crise econômica, favorecendo o

projeto do governo sul-coreano pela emigração como uma forma de aliviar as tensões socioeconômicas provocadas pela pobreza e superpopulação causada pela volta dos coreanos que haviam deixado o país durante a ocupação japonesa, além dos refugiados da Coreia do Norte que eram contra a ideologia comunista.

A primeira onda de emigrantes coreanos ocorreu durante o período da ocupação japonesa, causada por razões diversas, como exílios políticos e lutas libertárias, estudos no exterior e, principalmente, pelo empobrecimento da população. Em 21 de outubro de 1924, o jornal *Dong-A Ilbo* divulgou que 76% das pessoas que viviam em fazendas férteis da província de *Jeolla-do* não estavam fazendo três refeições por dia (23,6% tinham apenas uma refeição por dia, 45,2% tinham duas refeições por dia). Como outro exemplo, nessa mesma época, os ganhos totais anuais de fazendeiros da Fazenda *Gangseo* da província de *Pyeongannam-do* foram divulgados como sendo 514 wons, enquanto o montante total de gastos anuais era de 547 wons (*THE ASSOCIATION OF KOREAN HISTORY TEACHERS*, 2010, p. 254, tradução nossa).

Em meados de 1960, uma outra onda emigratória tomou a Coreia do Sul durante o seu período de industrialização. Segundo Park¹⁴ (2013, p. 74, tradução nossa), pode-se analisar a emigração dos coreanos da década de 60 envolvendo três seguintes aspectos do seu *background* histórico: superpopulação, desemprego e escassez de recursos naturais.

Do ponto de vista demográfico, principalmente antes do início da Guerra da Coreia (1950 -1953), esse foi um tempo em que milhares de coreanos que se encontravam no exterior durante o período colonial japonês, retornaram maciçamente à Coreia, estimando um número em torno de 2 milhões de coreanos entre outubro de 1945 a abril de 1948. Estes eram advindos de regiões como da Manchúria e a província marítima da Rússia; ocasionando uma explosão demográfica e instaurando um quadro de crise social no país. As áreas afastadas da cidade passaram a absorver grande parte deste número, intensificando os problemas domésticos já existentes como desemprego, inadequado suprimento de comida e falta de habitação (PARK, 2013).

Do ponto de vista do desemprego, as causas são múltiplas mas uma delas estava ligada a posse de terra, considerada sinônimo de representação primária de poder e riqueza entre as famílias coreanas (PARK, 2013, p. 76). Segundo *The Association of Korean History Teachers* (2010, p. 251, tradução nossa), a presença japonesa na Coreia trouxe inúmeras mudanças drásticas na península. Apesar de em 1935, com apoio das autoridades do Japão, 18% dos campos coreanos pertencerem a proprietários japoneses; Park (2013, p. 77) afirma em uma

¹⁴ Para a referência de Park (2013), uma tradução livre foi feita do inglês para o português.

pesquisa que no ano de 1945, ano de independência da Coreia, 50% das fazendas pertenciam à apenas 4% dos donos coreanos de terras.

Consequentemente, observa-se um quadro caracterizado por insurreições, escassez de recursos, crise econômica, desvalorização das *commodities*, pobreza e fome na Coreia do Sul. Avistava-se um futuro sombrio para o setor primário que começou a entrar em decadência antes mesmo da chegada dos anos 60. Portanto, aos poucos, houve a absorção da mão de obra rural para a área industrial, no contexto em que os jovens migraram para áreas urbanas em busca de melhores oportunidades de emprego e, quando conseguiam, eram sujeitos a salários baixos e condições duras de trabalho (PARK, 2013).

Como foi mencionado, um plano de emigração foi esboçado pelo próprio governo a fim de solucionar a alta densidade demográfica vivida desde o retorno de milhares de coreanos após a Segunda Guerra Mundial, aliada a miséria no campo e nas cidades. Segundo Choi (1991, p. 16), apesar de o governo coreano não possuir muitas informações sobre o exterior, “[...] estava entusiasmado com a ideia da emigração. As opções de países receptores eram, entre outros, os EUA, Canadá, Austrália, África do Sul e Brasil”.

O Brasil, na época era mais desenvolvido que a Coreia, tanto industrial quanto economicamente, em razão do impulso desenvolvimentista do presidente Juscelino Kubitschek. O país apresentava àquela altura baixa densidade demográfica e um vasto território. Nesta época, publicaram-se muitos artigos no Japão sobre o êxito dos emigrantes japoneses no Brasil. Naturalmente, em vista desse conjunto de fatores, os interesses do governo militar voltaram-se para os países na América do Sul, especialmente para o Brasil (CHOI, 1991, p.16).

Como em outros processos de imigração, a imprensa coreana desempenhou um papel de grande importância na divulgação de uma imagem positiva do Brasil, sendo apresentado como um país convidativamente exuberante (SILVA, 2009). “Apesar de possíveis problemas com a fauna, ainda assim é um lugar paradisíaco, onde compensa qualquer sacrifício” (SILVA, 2009, p. 52, grifo nosso). “A vastidão era algo que impressionava o coreano, principalmente pela dificuldade vivida da falta de espaço físico na Coreia. A vastidão acendia as esperanças de um futuro melhor” (SILVA, 2009, p. 52-53).

O Brasil acolheu imigrantes estrangeiros dispostos a viverem e trabalharem em seu vasto território, especialmente porque o gigante sul-americano estava tentando se remodelar de um país agrário para uma potência urbana e industrial (PARK, 2013, p. 96). Apesar de haver coreanos residindo há anos no país, a história da imigração coreana no Brasil teve oficialmente seu início em 12 de fevereiro de 1963, quando o navio Tjitalengka desembarcou no porto de Santos, na presença de 17 famílias coreanas.

CAPÍTULO 3. A IMIGRAÇÃO COREANA NO BRASIL: Um panorama geral

3.1 Aspectos gerais do processo de imigração para o Brasil

Um recorte do *background* histórico da Coreia apresentado no capítulo dois deste trabalho, nos levou a entender as razões da saída dos coreanos para o exterior. Inserido neste contexto histórico, os anos de aproximação diplomática entre os dois países resultaram no interesse gradual em promover a imigração coreana para o Brasil.

No entanto, até o ano de 1960 esses esforços para a emigração “[...] ainda se limitavam ao nível civil porque o então presidente *Lee Seung-man* [*Syngman Rhee*¹⁵] era contrário à ideia de emigração em razão das dificuldades econômicas do governo e, por conseguinte, da impossibilidade de dar auxílio para emigrantes.” (YANG, 2011, p. 143).

Contudo, este quadro mudou por completo com a Revolução Civil de 1960 e a queda de *Syngman Rhee* no mesmo ano. Com a posse do novo governo constituído por militares, começaram a emergir os interesses pela emigração. Todavia, foi necessário um demorado processo burocrático para o estabelecimento da legislação para a emigração, causado, muitas vezes, pelo desconhecimento e falta de responsabilidade por parte do governo (YANG, 2011).

Com a nova política de relações exteriores adotado pelo país, começaram a surgir novamente na Coreia do Sul, diversas companhias e entidades civis destinadas a recrutar emigrantes. Muitas delas por não serem registradas, causaram problemas. Além do mais, como não havia uma política específica para gerenciar toda a execução do projeto de emigração, o governo estudou a fusão de várias delas, o que levou a criação da *Associação de Emigração Coreana* (사단법인 한국이민협회) em 14 de janeiro de 1961 (CHOI, 1991; YANG, 2011).

Outras organizações emergiram como a *Associação Brasil-Coreia* (한백협회), estabelecida em abril de 1961 por intérpretes militares, que contribuiu com o célebre encontro do então presidente do Brasil Jânio Quadros, por ocasião de um Torneio de Tiro-ao-Alvo no Rio de Janeiro em 19 de junho de 1961; impulsionando a partir de então, o processo imigratório oficial para o Brasil (YANG, 2011).

Um grupo da associação que passaria a ser a *1ª Delegação Cultural Coreana*¹⁶ (문화사절단) chegou ao Brasil em 5 de janeiro de 1962. Sendo considerado o primeiro grupo

¹⁵ Nova grafia para este nome.

¹⁶ A principal missão da 1ª Delegação era acertar alguns detalhes importantes, como adquirir terras e construir moradias para aqueles que seriam os primeiros imigrantes oficiais, cuja vinda estava prevista até março de 1963 (CHOI, 1991, p. 38).

de caráter semioficial, de iniciativa privada, composto por 14 pessoas que tinham a missão de preparar o local antes da chegada da primeira leva oficial.

O surgimento do projeto de imigração ao Brasil, segundo Choi (1991, p. 28) “foi preparado por civis membros da Associação Cultural Brasil-Coreia na condição de ‘contrato de emigração’. O governo militar coreano aprovou e apoiou tal projeto, promulgando a Lei de Emigração de 15 de março de 1962”. Assim como esta lei marca o ponto oficial do projeto de emigração, a instalação da Embaixada da Coreia do Sul no Rio de Janeiro em 11 de julho de 1962, “[...] teve seu significado como o ponto inicial de ‘interação’ entre os dois governos para tal projeto” (YANG, 2011, p. 149).

Ao analisar a história da imigração coreana no Brasil, percebe-se que a época de maior fluxo migratório coincidiu com a ditadura militar na Coreia do Sul (1963-1974). (YANG, 2011).

De fato, o Golpe Militar causou mais uma vez a insegurança na sociedade coreana e o povo vivia dia após dia sob a ameaça de outra guerra. E, como observamos anteriormente, a Coreia estava dividida ideologicamente em duas linhas de pensamento, uma democrática, outra comunista. Após a Guerra da Coreia, qualquer sinal que remetesse ao comunismo era considerado perigo fatal ao país (YANG, 2011, p. 142).

Atrrelado a todo este contexto histórico vivenciado pela população sul-coreana e as medidas adotadas pelo governo para conter o avanço dos problemas sociais; muitos coreanos decidiram migrar para diversas partes do mundo na procura de realizar seus sonhos pessoais e de uma vida melhor, decidiram fugir de situações problemáticas como; desemprego, inflação, pobreza, miséria, uma possível guerra sob ameaça de invasão da Coreia do Norte, uma provável educação precária dos seus filhos; ou simplesmente decidiram migrar pelo interesse em desbravar novos territórios.

Em meio a este quadro, é notório que a presença dos EUA no território coreano tem influenciado de forma acelerada seu processo de ocidentalização. Park ¹⁷ (1997, apud MONTEIRO, 2011, p. 47) chama este fenômeno de *American Fever*, ou Febre Americana. Neste sentido, tal estilo de vida ambicionado levou muitos coreanos a migrarem para os EUA também. Isto tudo refletiu no fato de muitos imigrantes terem como destino final os EUA, e não o Brasil (CHOI, 1996a).

A tentativa de quantificar o número de imigrantes coreanos que passaram pelo Brasil e seu atual número de residentes, é uma tarefa desafiadora a ser cumprida. De acordo com os

¹⁷ PARK, Kyeyoung. **The Korean American dream**: immigrants and small business in New York City. Ithaca: Cornell University Press, 1997.

dados da pesquisa de Choi¹⁸ (1991 apud ROGANTI, 2004, p. 18), com base em números da imigração oficial, entraram no país, entre a década de 60/70 até meados de 80, cerca de 14.841 coreanos. “Nos anos 90, a embaixada da Coreia do Sul, divulga que aproximadamente 43 mil sul-coreanos residem no Brasil.” (ROGANTI, 2004, p. 24).

De acordo com a dissertação de mestrado de Negawa (2000), o número da população coreana no Brasil na época, chegava a 40 mil¹⁹. Em meio a busca consistente de dados estatísticos que venham quantificar a presença coreana no Brasil ao longo dos anos, Monteiro (2011) afirma ter enfrentando enormes dificuldades²⁰ como a questão da clandestinidade, a qual mostra-se um tanto impossível de ser quantificada por órgãos governamentais que costumam ter registros de tais dados.

“Atualmente o número estimado de coreanos no Brasil é de 50.523, incluindo segunda e terceiras gerações, ilegais, temporários e cidadãos naturalizados brasileiros.” (ANTONIO²¹; ARAÚJO, 2019 apud LEITE, 2020, p. 27). Portanto, percebe-se que, “quanto aos dados numéricos sobre a população de origem coreana no território brasileiro, existe uma divergência ampla por alguns motivos, sobretudo porque o próprio censo demográfico é um trabalho complexo” (YANG, 2011, p. 126).

Uma outra complicação seria o termo “coreano”, no qual seria questionável se seriam incluídos somente os imigrantes e seus descendentes ou se as pessoas de origem coreana que estão residindo temporariamente no Brasil seriam também contempladas. Destaca-se também a inexistência de um modelo preciso para obter o número, o que levaria a trabalhar com hipóteses e estimativas, além do pouco comparecimento dos próprios cidadãos coreanos aos órgãos responsáveis pelo recenseamento de coreanos fora da Coreia (YANG, 2011).

Analisando o fluxo migratório dos coreanos para o mundo, os EUA é o país que mais recebeu imigrantes coreanos a partir da década de 60, sendo a maior colônia fora da Coreia, com cerca de 2 milhões de pessoas (LEITE, 2020). A busca deste sonho americano fez do Brasil apenas uma ponte de passagem para os EUA, já que a emigração direta era muito difícil.

¹⁸ CHOI, Keum Joa. **Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

¹⁹ Número publicado, na época, no panfleto da Associação Brasileira dos Coreanos (NEGAWA, 2000).

²⁰ MONTEIRO (2011), em sua defesa de mestrado intitulada **“Imigração coreana e patrimônio cultural no Bom Retiro/SP”** – Universidade Anhembi-Morumbi, fez a análise dos dados da chegada de imigrantes coreanos na Hospedaria do Imigrante em São Paulo e o dados censitários do IBGE com o objetivo de complementar as informações trazidas pela literatura. Entretanto, sabe-se que nem todo migrante passou pela Hospedaria do Imigrante de São Paulo, além do mais, os dados censitários do IBGE só contemplam no caso dos coreanos, o número de imigrantes que entraram no Brasil em caráter permanente entre o ano de 1969 a 1973.

²¹ ANTONIO, Bruna Mineo; ARAÚJO, José Renato de Campos. A diáspora coreana: o caso brasileiro. **Confins - Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, São Paulo, n. 39, 2019.

Tais tentativas eram vistas mesmo por aqueles que tinham vivido há alguns anos aqui. Por conseguinte, talvez esta seja uma possível explicação do porquê da população coreana no Brasil ser pouco numerosa, mesmo tendo mais de 60 anos de história no país (LEITE, 2020).

As tentativas não bem sucedidas de reemigrar para os EUA, fizeram do Brasil o seu país de permanência. Outros decidiram voltar para Coreia do Sul. Todavia, nesse retorno, diante das mudanças históricas e socioeconômicas, não encontram no seu país de origem as suas raízes determinantes para a marcação de sua identidade que já havia sofrido alterações em detrimento do processo migratório. Assim, vários coreanos acabaram voltando para o Brasil, ou tentaram a reemigração para outros países da América Latina. Inclusive, vários que conseguiram reemigrar para os EUA, também trilharam o mesmo caminho.

Segundo Bae (2019), a razão do Brasil ter sido alvo de muitos imigrantes coreanos, se deve ao fato dele ser conhecido no mundo como um país com maior índice de tolerância para grupos minoritários raciais e étnicos (se comparado como o Canadá, EUA ou a Austrália).

Outro fator atrativo foi o fato do Brasil ser, na época, o mais industrializado e economicamente desenvolvido, aparentando garantir-lhes um futuro promissor. Além disso, a instalação bem-sucedida dos imigrantes japoneses no país na área agrícola foi ponderada como uma esperança de eles (os coreanos) também se instalarem com sucesso no Brasil (BAE, 2019, p. 78-79).

3.2 Os movimentos migratórios para o Brasil

Choi²² (1996b, apud MONTEIRO, 2011, p. 48) “classificou o processo de imigração coreana no Brasil em cinco fases, sendo elas: fase pré-imigratória (1910-1956), fase de imigração semioficial (1962), fase de imigração oficial (1963-1971), fase clandestina (1972-1980) e fase de imigração em cadeia (1980 em diante)”.

Apesar dos autores das dissertações e teses apresentarem diversas formas de classificação de como foi o processo de imigração coreana (até mesmo tendo uma cronologia específica detalhada), segue abaixo uma pequena tabela que contém os principais acontecimentos de como foi esse processo.

²² CHOI, Keum Joa. Imigração coreana na cidade de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 40, p. 233-238, 1996b.

Tabela 2 – Cronologia dos principais acontecimentos do processo de imigração coreana no Brasil

Data	Acontecimento	Principais características
1910-1956	Chegada dos primeiros coreanos ao Brasil	Imigrantes coreanos naturalizados como japoneses.
06/01/1956	Entrada de ex-prisioneiros da guerra civil	• 55 ex-prisioneiros da Coreia do Norte procedentes da Índia; • Solteiros, foram ajudados pelos seus conterrâneos em busca de “ganhar a vida” no Brasil.
05/01/1962	1ª Delegação Cultural Coreana	• Composta por 14 pessoas das mais diversas profissões: ex-militares, presbíteros, pianistas etc; • Todos tinham um ponto em comum: estabelecer-se definitivamente no Brasil.
15/03/1962	Lei da Emigração Coreana	Preparado por civis, foi aprovado pelo governo militar, sendo considerada o marco oficial da emigração coreana.
12/02/1963	1º Grupo Oficial	• Composto por 17 famílias (103 pessoas); • Desembarque: Santos (SP); • Destino: Fazendas da região de São Paulo; • Grupo de bom nível educacional e com um grande número seguidores do protestantismo. Vieram a bordo do navio Tjitjalenka; • Foram vítimas de desonestidade, não conseguindo se instalar nas fazendas propriamente determinadas desde o início.
10/11/963	2º Grupo Oficial	• Composto por 24 famílias (150 pessoas); • Pode ser considerado o complemento do 1º grupo já que, agora com vistos regularizados, vieram se juntar aos familiares que já residiam no Brasil.

Continua

15/03/1964	3º Grupo Oficial	• Composto por 68 famílias (350 pessoas); • Destino: Fazenda próxima da cidade de Vitória- ES; • Embora os imigrantes tenham sido bem recebidos, decidiram deixar a fazenda devido a precariedade do terreno e partiram pouco a pouco para as grandes cidades.
15/11/1964	4º Grupo Oficial	• Composto por 68 famílias (350 pessoas); • Destino: Fazenda próxima da região de Goiás²³; • Contaram com o apoio de uma companhia brasileira, entretanto, a permanência na fazenda não foi bem sucedida, causando grandes complicações.
1966	5º Grupo Oficial	• Classificado em três levas de: 53 famílias (13/01/1966), 13 famílias (16/06/1966) e 3 famílias (16/08/1966); • Conhecido como a “imigração católica”, totalizando 514 pessoas; • Destino: Fazendas da região do Paraná; • Considerado o último grupo de caráter oficial. Apesar de ser bem sucedido no início, não foram muitas as famílias que restaram trabalhando nas fazendas.
1972-1980	Clandestinidade no Brasil	Período caracterizado pela entrada ilegal e massiva de coreanos no Brasil. As principais rotas de entrada foram via Bolívia, Paraguai e Uruguai.

Continuação

²³ Uma observação a ser considerada foi que, desde a chegada ao Brasil, algumas famílias pertencentes a este grupo nem chegaram a ir para o seu local de destino, acabando por permanecerem São Paulo, indo para fazendas onde haviam coreanos ou indo para a cidade do Rio de Janeiro.

1980 em diante	Imigração em cadeia	• Corresponde a vinda excessiva de imigrantes coreanos como resposta à convites recebidos por parte de familiares que já haviam se estabelecido no país; • Nos finais da década de 80 e início de 90, fatores como estabilidade e desenvolvimento econômico na Coreia do Sul entre outros, provocaram um decréscimo no número de imigrantes para o Brasil.
2000 em diante	Imigração de expatriados sul-coreanos ²⁴	• Diferente do processo migratório habitual, é caracterizado por ser uma “imigração de curta ou de média permanência” para países onde há empresas multinacionais sul-coreanas; • Perfil do imigrante: trabalhador qualificado com alto nível de escolaridade (graduado nas mais prestigiadas e concorridas universidades da Coreia do Sul e alguns tendo títulos de mestre ou MBA), domínio de pelo menos duas línguas e tem seus filhos frequentando, em geral, as melhores escolas privadas internacionais de São Paulo.

Conclusão

Fonte: CHOI (1991), YANG (2011), SILVA (2009), BAE (2019).

Legenda: Fase pré-imigratória, Fase de imigração semioficial, Fase de imigração oficial, Fase clandestina, Fase de imigração em cadeia, “Imigração contemporânea”²⁵.

Com isso, é visto que a imigração para o Brasil passou por sucessivas fases com respectivas peculiaridades. As etapas pioneiras de caráter oficial foram essencialmente coletivas e de caráter agrícola. Destacam-se as fazendas *Arirang*, *Seul*, *Santa Maria*, *Dona Catarina* e *Amazônia* como locais onde os imigrantes viveram e trabalharam nos tempos iniciais.

²⁴ Caracterizada por ser uma nova fase da migração do mundo contemporâneo, os expatriados sul-coreanos de negócios são sujeitos transnacionais inseridos nos fluxos migratórios do mundo globalizado. Apesar da palavra expatriado carregar muitas conotações, preconceitos e suposições sobre classe, o foco de interesse da autora é o grupo do *business expatriates* (expatriados de negócios): funcionários de empresas transnacionais enviados para subsidiárias de uma empresa a fim de trabalhar e viver em outro país entre seis meses a cinco anos. Sendo os motivos que levaram eles migrarem para o Brasil: altos salários e benefícios ativos, além da educação dos filhos (ensino bilíngue e de alta qualidade). Apesar dos benefícios, os expatriados têm enfrentado dificuldades como o idioma, a questão da regularização como trabalhador estrangeiro e a falta de representatividade na sociedade brasileira (BAE, 2019).

²⁵ Esta imigração classificada como “Imigração contemporânea” presente na tabela, não está na classificação usual de certos autores destas dissertações e teses, a exemplo de CHOI (1996b), o qual está referenciada no segundo parágrafo anterior à apresentação desta tabela.

Atendendo às exigências iniciais do governo brasileiro, os primeiros coreanos tentaram residir na zona rural como agricultores, mas na prática eles eram ex-militares, em geral protestantes, elementos de classe média e alta, procedentes do meio urbano, portadores de certo grau de instrução e de experiência profissional como comerciantes (CHOI, 1996b, p. 235).

Terras improdutivas, ataques de animais peçonhentos, foram exemplos de dificuldades enfrentadas no campo em que, apesar dos subsídios oferecidos pelo governo coreano, não houve adaptação à vida nas fazendas (CHOI, 1991).

Após três anos de tentativas frustradas no campo, pouco a pouco desde a primeira leva, os imigrantes mudaram-se para a cidade. Em média, cerca de 90% deles se transferiram para a cidade de São Paulo. A capital que abrigava imigrantes de diferentes etnias, possibilitava melhores condições de vida (CHOI, 1996b).

Ao longo dos anos surgiram muitas complicações e atritos entre os dois governos, o que levou o governo brasileiro a tomar medidas para impedir a imigração no seu território. Apesar do 5º grupo (1966) ser a última leva de caráter oficial, ainda chegaram a vir em 1971, por vias legais, 1.400 técnicos sob a forma de “imigração de mão de obra qualificada”, devido a expansão das indústrias no Brasil. (CHOI, 1991; YANG, 2011). Porém, esta mão de obra qualificada não consegue “[...] prosseguir para além de 1972, devido ao fenômeno cada vez mais expressivo, da entrada de coreanos no Brasil por vias ilegais” (YANG, 2011, p. 157).

Apesar das tentativas frustradas de retorno para as fazendas, o governo da Coreia do Sul estava descontente com a atual situação dos seus conterrâneos, principalmente após a proibição da imigração coreana, o que o levou, em 4 de maio de 1977, a colocar também barreiras à emigração para América Latina, a fim de resolver os problemas causados pelos clandestinos e evitar a formação de uma imagem negativa dos coreanos nesses países (CHOI, 1991; YANG, 2011).

Todavia, esse fluxo migratório clandestino²⁶ continuou, mesmo após as proibições pelos dois governos, o qual acarretou em um quadro problemático e repleto de adversidades. No final, o governo brasileiro concedeu a anistia nos anos de 1969, 1981, 1989 e 1998, beneficiando aproximadamente 13.510 imigrantes coreanos ilegais (YANG, 2011).

“A vida dos coreanos que se fixaram na cidade de São Paulo não foi fácil, sobretudo para os de origem clandestina.” (MARTA, 2004, p. 60). Segundo Choi (1996b), logo que

²⁶ Cabe ressaltar que na segunda metade da década de 70, a onda emigratória de coreanos em direção ao país via Paraguai e Uruguai, coincidiu com outra onda de sul-americanos ao Brasil, devido ao estreitamento das relações entre os referidos países e os problemas políticos gerados pelos regimes totalitários (CHOI, 1996b, p. 236).

chegaram à cidade de São Paulo, os coreanos procuraram encontrar os conterrâneos na “Vila Coreana”, conhecido como o primeiro núcleo residencial urbano situado entre as ruas Glicério e Conde de Sarzedas, no bairro da Liberdade.

Segundo Choi (1991), esta região atraía os coreanos recém-chegados, devido à proximidade dos imigrantes de origem japonesa e como consequência, a possibilidade de uma melhor comunicação através do emprego do idioma japonês; além do baixo custo do aluguel na região e a proximidade em relação ao centro da cidade. Assim, a “Vila Coreana” se tornou uma fonte de informação, transmissão de técnicas e possibilidade de emprego para muitos imigrantes coreanos, apesar do comércio ambulante ser a principal atividade econômica exercida por eles neste período.

Assim sendo, tivessem ou não parentes, possuíssem ou não dinheiro, eles procuraram, quase sempre a “Vila Coreana”, buscando a convivência dos conterrâneos para diminuir o impacto de que eram vítimas ao entrar em contato com costumes tão diversos daqueles de que eram portadores. O desconhecimento da língua portuguesa, a esperança de manter ali uma cooperação mútua e o alívio sentido de conviver com pessoas da mesma origem foram fatores importantes que levaram os coreanos a se aglomerarem (CHOI, 1996b, p. 237).

Conforme a situação econômica dos coreanos foi se tornando melhor, a partir de 1975, aos poucos os coreanos se mudaram e o bairro da Aclimação foi se transformando no centro residencial da comunidade coreana (CHOI, 1991). “Por outro lado, as atividades comerciais dos bairros da Mooca e do Brás foram sendo aos poucos transferidas para o Bairro do Bom Retiro, que passou a ser o centro comercial dos coreanos.” (CHOI, 1991, p. 100).

Segundo Leite (2020, p. 23), ao observar as ruas do bairro do Bom Retiro, “[...] notei que circulavam judeus, bolivianos, gregos, entretanto os coreanos eram predominantes. Muito mais que os símbolos em coreano em cafés e restaurantes, eles dominavam parte da paisagem”. A concentração dos coreanos no Bom Retiro se deu de forma voluntária a partir da década de 70, inicialmente estimulados pelo trabalho desenvolvido no setor têxtil, considerado seu principal ramo de atividade econômica no Brasil. A importância do bairro para os imigrantes coreanos é expressiva pela quantidade de estabelecimentos de comércio e serviços, instituições e igrejas. Entretanto, não se pode afirmar que o início da história desta etnia imigrante se deu ali e, muitos menos, afirmar ser o único local de sua representatividade na cidade de São Paulo. Mais detalhes a respeito da origem, formação e importância do bairro do Bom Retiro serão abordados nas próximas seções do capítulo quatro deste trabalho.

CAPÍTULO 4. DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE A IMIGRAÇÃO COREANA NO BRASIL: Uma análise de temas

Um olhar para a história das imigrações no Brasil chama a atenção diante da concentração multiétnica de imigrantes que se estabeleceram ao longo das décadas no estado de São Paulo. Os choques culturais são inevitáveis num espaço urbano como a cidade de São Paulo, onde encontra-se pessoas de diversas partes do mundo. Todavia, uma escala de adaptação de valores e crenças é alcançada numa chamada simbiose cultural de etnias (HONG, 2010).

Em se tratando dos imigrantes coreanos, existem concentrações deles em algumas localidades de estado, como Rio de Janeiro (RJ), Curitiba, (PR), Belo Horizonte (BH), Florianópolis (SC), Brasília (DF), Manaus (AM), Cumbuco (no município de Caucaia - CE) e, principalmente, na maior parte em São Paulo (SP).

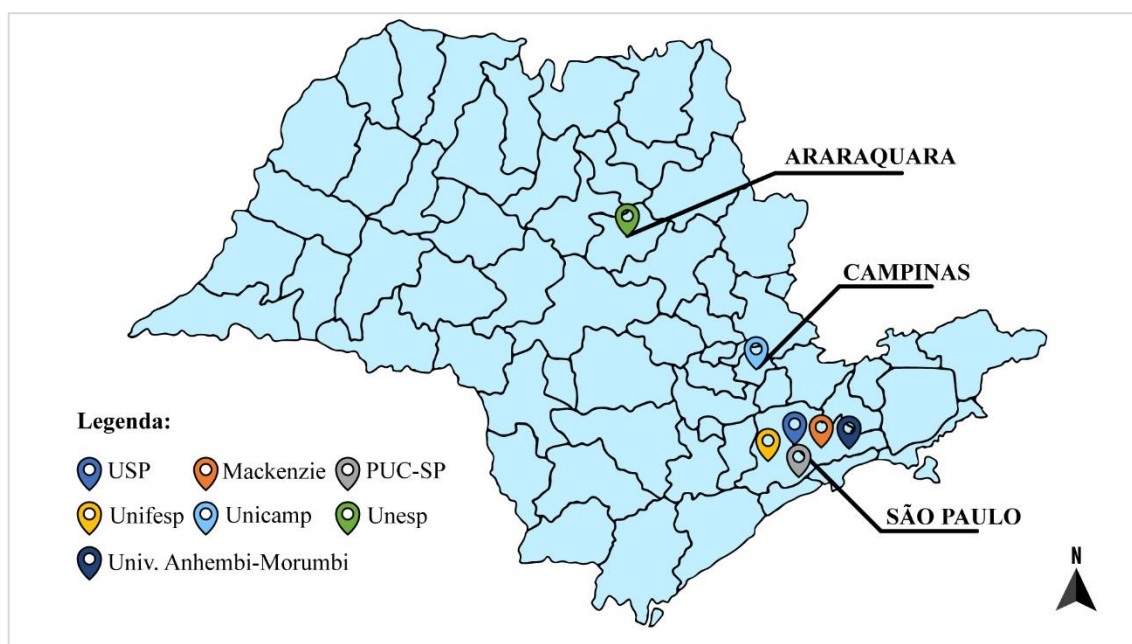
Segundo Choi (1996b), após aproximadamente três anos desde a chegada dos primeiros grupos migratórios coreanos, 90% deles se mudaram para a cidade de São Paulo em pleno desenvolvimento industrial. Inicialmente, instalaram-se na Liberdade (“Vila Coreana”) e posteriormente foram para os bairros da Aclimação, Brás, Bom Retiro, Higienópolis e Santana.

Ainda que seja difícil quantificar o número de coreanos que vivem em São Paulo, é possível afirmar que há uma presença predominante quando comparado com as outras localidades espalhadas no país. Tal situação predominante provavelmente tenha alguma ligação com a produção acadêmica sobre a imigração coreana no Brasil.

Mesmo buscando em diversos bancos de dissertações e teses, é possível que algumas das obras²⁷ que abordam esse assunto não estejam inseridas no levantamento bibliográfico deste trabalho. Contudo, a predominância dos imigrantes em São Paulo pode, talvez, ser a explicação ou o próprio reflexo de todas estas dissertações e teses terem seu local de publicação em universidades localizadas em São Paulo.

²⁷ Em se tratando de apenas dissertações e teses acadêmicas.

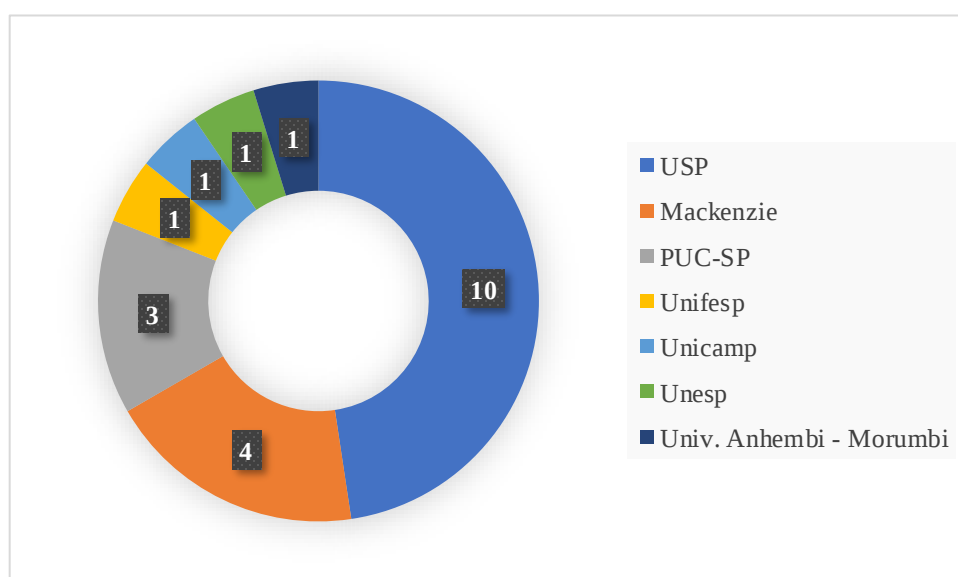
Mapa 1 – Localização das instituições de origem das dissertações e teses publicadas sobre da imigração coreana



Fonte: Produção do próprio autor²⁸.

Num total de 21 obras, abaixo está um gráfico que mostra esta quantidade publicada em 7 universidades do estado de São Paulo.

Gráfico 4 – Quantidade de dissertações e teses relacionadas à imigração coreana publicadas por universidades do estado de São Paulo

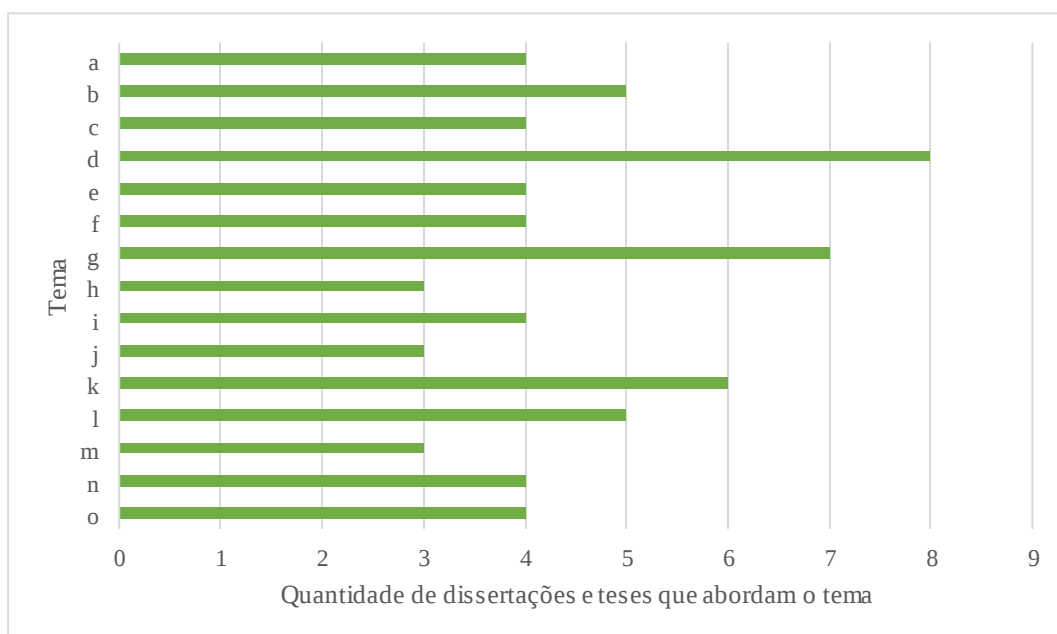


Fonte: Produção do próprio autor.

²⁸ A escala do Mapa 1 é de 1: 1.521.700 (cm).

Apesar do assunto da imigração coreana estar bem inserido em diversas áreas de atuação como afirmado anteriormente, os autores do levantamento bibliográfico abordaram temas considerados comuns pela análise descritiva de suas obras. Estes temas foram classificados por algumas abordagens consideradas importantes: “os imigrantes coreanos”, “a comunidade coreana” ou “os coreanos no Brasil”, com tópicos tais como educação, redes sociais, identidade étnica, saúde mental etc. Ao todo, foram obtidos 15 temas distintos cuja análise levou à criação da seguinte tabela:

Gráfico 5 – Número dissertações e teses do levantamento bibliográfico por tema comum abordado



Fonte: Produção do próprio autor.

Legenda:

a) A emigração coreana e a influência da imprensa: CHOI (1991), SILVA (2009), LIM (2009) e SAKAGUCHI (2010).

b) Os imigrantes coreanos e a formação de redes sociais: CHOI (1991), KANG (1993), KIM (1996), YANG (2011) E MONTEIRO (2011).

c) A comunidade coreana e a sua mídia: CHOI (1991), NEGAWA (2000), SILVA (2009) E YANG (2011).

d) Os imigrantes coreanos e a sua relação com a igreja: CHOI (1991), KANG (1993), KIM (1996), ROGANTI (2004), ARAÚJO (2005), LIM (2009), SILVA (2009) e MONTEIRO (2011).

e) A mulher imigrante e o seu papel na comunidade coreana: CHOI (1991), WON (2005), SAKAGUCHI (2010) e HONG (2010).

f) Os imigrantes coreanos e a sua atividade econômica: CHOI (1991), YANG (2011), MONTEIRO (2011), e CHI (2016).

- g) Os imigrantes coreanos e a organização *Kye*: CHOI (1991), KIM (1996), SANTOS (2000), ROGANTI (2004), SILVA (2009), SAKAGUCHI (2010) e VIGGIANI (2016).
- h) Os imigrantes coreanos e a sua ascensão social: KIM (1996), ROGANTI (2004) e CHI (2016).
- i) Os pais coreanos e a sua postura em relação à educação dos filhos: KANG (1993), KIM (1996), YANG (2011) e BAE (2019).
- j) A comunidade coreana e a escola Polilogos: ARAÚJO (2005), SILVA (2009) e CHI (2016).
- k) A comunidade coreana e o casamento interétnico: CHOI (1991), KANG (1993), KIM (1996), WON (2005), KANG (2006) e YANG (2011).
- l) Os imigrantes coreanos e os conceitos de *identidade e alteridade*: KIM (1996), KANG (2006), YANG (2011), VIGGIANI (2016) e BAE (2019).
- m) Os imigrantes coreanos e a sua crise de identidade: KANG (1993), KIM (1996) e YANG (2011).
- n) Os imigrantes coreanos e os conflitos entre gerações: KANG (1993), MARTA (2004), WON (2005) e YANG (2011).
- o) Os imigrantes coreanos da terceira idade e a sua relação com o Bom Retiro: SANTOS (2000), HONG (2010), MONTEIRO (2011) e CHI (2016).

Um ponto interessante a afirmar é que os autores destas obras nem sempre trataram os temas apresentados de maneira única, havendo visões complementares e distintas. Portanto, uma análise detalhada e consequente junção ou a escolha de alguns destes temas foi realizado, o que resultou as próximas dez seções correspondentes a este capítulo.

4.1 A formação do bairro multiétnico do Bom Retiro: um foco na comunidade coreana

Este tema foi abordado pelos autores a seguir: CHOI (1991), KIM (1996), SANTOS (2000), ROGANTI (2004), HONG (2010), MONTEIRO (2011) e CHI (2016) e VIGGIANI (2016).

A análise do cenário migratório de diversos países revelou que o Brasil, em especial a sociedade paulistana, apresenta um caráter integrador e assimilacionista em relação aos grupos étnicos que receberam. Tal natureza tornou-se visível pelo fato de São Paulo ter acolhido contingentes migratórios²⁹ relativamente homogêneos que compartilham traços culturais

²⁹ O fim da escravidão em 1888, provocou sérios problemas em várias regiões econômicas do país, e obrigou os agricultores paulistas a encontrarem alternativas de mão de obra para a crescente cultura cafeeira. A solução encontrada foi a importação de trabalhadores estrangeiros, primeiramente do norte da Europa (principalmente Itália), e depois de outros lugares como da Europa Oriental, Espanha, Japão e Oriente Médio. O processo ficou conhecido por "Grande Imigração", e durou das duas últimas décadas do século XIX até as três primeiras do século XX (SILVA, 2015, p. 2).

significativos entre si, como portugueses, espanhóis e italianos. Estes correspondem a 80% das nacionalidades que se estabeleceram no estado (TRUZZI, 2001).

Entretanto, nos finais da década de 80 e especialmente a partir de 90, pode-se perceber no meio da capital paulista a formação de um bairro que recebeu ao longo dos tempos um contingente de imigrantes com características bastante diferenciadas. (TRUZZI, 2001). A referência aqui é o Bom Retiro, dito como um bairro multicultural, o qual, pela multiplicidade de culturas e diversidade étnica que o compõe, é considerado patrimônio imaterial reconhecido pelo IPHAN ³⁰ (TRUZZI, 2001; CHI, 2016).

O bairro do Bom Retiro, desde o momento em que se incorporou à cidade, permanece isolado em relação a ela, formando uma espécie de ilha urbana cercada pela ferrovia e pelos rios Tietê e Tamanduateí. Com a evolução urbana e a conversão das margens dos rios em vias expressas, que reforçam ainda mais essa situação de isolamento em relação às zonas confrontantes diretas, o bairro elevou-se no status de centro estratégico de conexão metropolitana e regional (CHI, 2016 p.36-37).

As singularidades do bairro Bom Retiro não são fruto apenas do seu posicionamento geo-espacial favorável, mas são resultados da crise agrícola ligada principalmente ao café³¹, do desenvolvimento urbano provocado pela crescente atividade industrial, e da implementação de sucessivos grupo étnicos (MONTEIRO, 2011; CHI, 2016).

Santos (2000) procurou retratar os fatores e o processo que desencadearam a transformação de uma “paisagem rural”³² para uma “paisagem urbana” inserida num subespaço da cidade que viria a ser conhecido como o Bom Retiro. Este processo de transformação ocorreu conforme o desenvolvimento econômico do bairro, marcado pela presença massiva de imigrantes que formaram habitações operárias (que incluía também os cortiços) ao lado de

³⁰ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

³¹ Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914, o fluxo internacional de comércio sofreu uma drástica desaceleração aumentando as dificuldades para a exportação do café brasileiro, assim como outros produtos. Todavia, o capital acumulado pelo comércio do café aumentou a renda da população e a demanda de produtos de consumo não duráveis num contexto onde o Brasil era carente em indústrias de base. Portanto, inicia-se o processo de aceleração industrial que foi estimulada pela política de incentivo à imigração ao país, o que levou, como um todo, à alteração do quadro das relações econômicas internacionais no Brasil (FGV, [s/d]).

³² Durante grande parte do século XIX, a região que seria hoje o Bom Retiro, constituía uma região intermediária entre a zona rural e a cidade. Na época, os terrenos abrigavam sítios de recreação e chácaras banhados pelos rios Tietê e Tamanduateí. Até a década de 1880, o local pertencia à elite da cidade (sendo algumas famílias oriundas de cafeicultores e de funcionários estrangeiros de empresas ferroviárias). Com a chegada dos imigrantes pela linha ferroviária que vinha de Santos (sendo a maioria composta por italianos), grandes áreas foram divididas em pequenos lotes. A venda destes lotes representou um dos primeiros empreendimentos no lugar, como também a acumulação de capital pelos proprietários e o estabelecimento de novas relações sociais. Aos poucos, o espaço que era apenas lugar de lazer para as classes dominantes, passou a ser um bairro operário, fabril e residencial (VIGGIANI, 2016; TRUZZI, 2001).

fábricas, galpões, depósitos e oficinas, dando surgimento a um verdadeiro bairro misto, industrial e residencial em um só tempo.

Para Chi (2016), o Bom Retiro não parece ser apenas um bairro de sucessões étnicas, mas também de enclaves étnicos ³³ cujo referencial teórico propõe um modelo de territorialização de minorias étnicas nas metrópoles sob um olhar não assimilacionista ou segregacionista, mas inclusivo através do reconhecimento da diversidade.

O Bom Retiro recebeu várias ondas migratórias desde a implantação da *Estrada de Ferro São Paulo Railway*³⁴. Segundo Truzzi (2001) e Chi (2016), a etnia predominante do bairro até meados dos anos 40 foi a italiana, cujo predomínio em muitas atividades era maciço, em especial no emprego da mão de obra nas fábricas, uma vez que era o grupo que veio em maior quantidade nos anos iniciais da formação do bairro. Os gregos, armênios e sírios também estavam em menor escala. Todavia, Chi (2016 p.32) afirma que, “[...] quem dominava o comércio da Rua dos Imigrantes – nome antigo da José Paulino e rua comercial de maior movimento desde aquela época – eram os portugueses que tinham armazéns de secos e molhados[...]”. Os judeus chegaram no bairro a partir do ano de 1920. Daí vieram os coreanos em meados da década de 1970. Estes, os quais haviam se estabelecido com suas oficinas de costura na Liberdade e no Brás, viram logo mais a oportunidade de preencher os lugares deixados pelos judeus, que se mudaram para outros bairros ao ascenderem socialmente (CHI, 2016).

A sucessão entre judeus e coreanos foi pacífica, “[...] marcada pela complementaridade econômica causada pela defasagem no tempo de chegada entre as duas colônias³⁵” (TRUZZI³⁶; NETO, 2007 apud CHI, 2016, p. 36). A partir da década de 1990, sul-americanos fixaram-se no bairro especialmente bolivianos, paraguaios e peruanos.

Enquanto a Chi (2016) introduz o conceito de enclave étnico, Kim (1996) traz o conceito de *mancha coreana* para este bairro. Neste lugar, ao contrário do que possa parecer, acontecem fatos e eventos imperceptíveis à sociedade brasileira (KIM, 1996). Além disso, em

³³ Conjuntos de espaços estabelecidos no entorno de círculos de sociabilidade endógena, que contêm, cada um, uma dinâmica socioeconômica própria e que, por isso, se distinguem do restante da cidade (CHI, 2016, p. 29).

³⁴ Esta ferrovia inaugurada em 1867 pela empresa inglesa *The São Paulo Railway*, tinha uma extensão de 159 Km, ligando o município de Santos no litoral ao de Jundiaí, tendo como ponto de passagem a cidade de São Paulo. Durante a passagem em São Paulo, muitos imigrantes preferiram ficar no local, dando origem a pequenos conglomerados urbanos como viria ser o bairro do Bom Retiro (METRÔ, 2012).

³⁵ Nota-se que a autora, neste caso, emprega o termo “colônia” para os grupos étnicos do bairro do Bom Retiro.

³⁶ TRUZZI; NETO, Mário Sacomano. Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, FGV- EAESP, vol. 47, nº 2, p. 37-48, 2007.

geral, os estabelecimentos como restaurantes, mercearias, lojas, agências de turismo, igrejas e videolocadoras são conhecidos por aqueles que estão dentro da *mancha coreana* ou que transitam por esse bairro com um olhar atento, dando a esta “malha invisível” uma *coreanidade* bem definida nas relações sociais de contato com o mundo brasileiro (KIM, 1996).

A presença coreana nos espaços da cidade de São Paulo, particularmente no bairro do Bom Retiro, é retratada por meio de artigos de jornais, revistas e outras matérias encontradas na internet. Tais notícias complementadas com dados oficiais da história da imigração coreana, recorrem aos processos macrossociais da formação do bairro e suas transformações econômicas, sociais e culturais, bem como a inserção dos imigrantes na sociedade paulista (ROGANTI, 2004).

O material aqui analisado parte da década de 1980 até os dias de hoje. Essa amplitude temporal permite aproximarmos da dinâmica de visibilidade do outro, onde a informação do outro não se mantém com uma frequência de aparição e intensidade regular e constante, se apresenta em períodos. São séries esporádicas de notícias que, por um lado, evidenciam atributos positivos ou negativos da imigração coreana na cidade de São Paulo e por outro, torna visível a presença dos imigrantes no ramo da confecção no bairro do Bom Retiro (ROGANTI, 2004, p.38-39).

Na visão de Monteiro (2011), o bairro do Bom Retiro apresenta um cenário distinto devido aos modos de vida e práticas socioculturais diversificados. Tal espaço urbano, sendo como concentração de memória local, é um lugar “[...] onde os indivíduos envolvidos percebem que estão entrando em contato com algum significado da cidade, do bairro ou do grupo, onde os atores constroem e reciclam a própria memória” (MONTEIRO, 2011, pg. 33).

Em contrapartida, Viggiani (2016) tem uma visão que realça ainda mais a subjetividade de cada imigrante pertencente a este bairro. Em sua pesquisa de abordagem multidisciplinar, o autor utiliza-se principalmente da fotografia como método de pesquisa, informação e expressão das etnias presentes, fazendo com que os imigrantes assumam o papel de protagonistas no bairro. O bairro do Bom Retiro essencialmente cosmopolita, “[...] é um lugar de grandes personagens anônimos, imigrantes, alguns refugiados, todos com histórias a ponto de sair pela garganta” (VIGGIANI, 2016, p. 13). O autor afirma que “é possível dizer que não há apenas um Bom Retiro, mas vários. São muitas histórias entrelaçadas no mesmo espaço, que é diverso culturalmente e de estratos sociais distintos, mesmo no interior de cada grupo” (VIGGIANI, 2016, p. 12).

Sendo assim, muitas visões puderam ser apresentadas sobre o Bom Retiro. Estas partem da diversidade cultural trazida pelos imigrantes que ali residem.

De modo geral, a atual convivência interétnica neste bairro “[...] está marcada por relações pacíficas e, ao mesmo tempo, pela falta de interação fora do âmbito de trabalho, sendo que a maioria dos imigrantes do bairro participa, de alguma forma, da economia de confecção” (CHI, 2016, p. 65). Segundo Viggiani (2016, p. 151), “as relações sociais assimétricas entre as diferentes comunidades dificultam a aproximação; por outro lado, paradoxalmente, a busca pela afirmação cultural apresenta na aparência uma clima de tolerância”, o que faz do bairro um abrigo da diversidade e do imigrante.

Portanto, a sociabilidade dos imigrantes organizada em redes, facilitou o fluxo migratório em cadeia dos conterrâneos, promovendo, assim, uma alternativa ao modelo étnico-cultural de assimilação linear, dando espaço ao modelo do enclave econômico étnico, além de ser um local sobre o qual os imigrantes recebem informações sobre acomodação disponível, oportunidades de trabalho, entre outros apoios (CHI, 2016).

4.2 A comunidade coreana e suas redes sociais

Este tema foi abordado pelos autores a seguir: CHOI (1991), KIM (1996), KANG (1993), MARTA (2004), SILVA (2009), SAKAGUCHI (2010), MONTEIRO (2011) e YANG (2011).

Desde a chegada dos imigrantes coreanos em São Paulo, alguns autores têm demonstrado interesse em saber como os coreanos vivem, como eles têm se organizado socialmente e como tem sido a sua inserção na sociedade brasileira. Sendo assim, nesta seção, serão abordados os conceitos básicos e algumas peculiaridades das principais instituições/redes de socialização na comunidade coreana, servindo de fundamentação para compreender as relações temáticas que serão abordadas nas próximas seções deste capítulo.

4.2.1 Família

A família para muitos imigrantes coreanos é uma instituição central, “cuja influência sobre o indivíduo na hora de tomar decisões importantes é significante” (YANG, 2011, p. 171). Isto se deve basicamente ao substrato sociocultural de inspiração confucionista presente na sociedade coreana (YANG, 2011). Essa organização já era própria da natureza dos grupos migratórios para o Brasil, cuja unidade mínima na absoluta maioria dos casos era a família. Isto facilitou a imigração em cadeia a partir da década de 80.

As primeiras redes de apoio foram observadas dentro de seio da própria família. A criação destes entrelaçamentos foi incentivada por parentes residentes aqui, que chamavam outros parentes coreanos, oferecendo toda a ajuda possível na adaptação através de recursos financeiros, moradia, emprego (SILVA, 2009, p.88).

A estrutura de trabalho dos imigrantes também obedece ao mesmo padrão:

[...] Entre os coreanos, facilmente podem-se encontrar grupos de cinco, seis, ou vinte e mais pessoas com relações de parentesco. Eles se mantêm aglutinados. Essa tendência de aglutinação é vista na infraestrutura do trabalho ao qual eles [se] dedicaram. Como a maioria dos coreanos emigrou em companhia de suas famílias, e aqui chegando se dedicaram, sobretudo, ao ramo de confecções, seus membros tendem a se manter unidos, quer por razões de parentesco, quer por razões profissionais, o que vem garantindo, ainda mais, a unidade grupal (CHOI, 1991 apud YANG, 2011, p. 171).

A família influencia na socialização dos filhos, cujo grau depende da relação existente entre pais e filhos. Segundo os estudos de Kang (1993), para maioria dos entrevistados pela autora, a autoridade dos pais está relacionada à restrição na vida social dos filhos, em especial com os brasileiros.

A ‘proteção’ através do controle da vida social dos filhos, pode visar evitar a sua aproximação demasiada com os de fora do grupo coreano para que não venha a ocorrer casamento com estes. Daí, o controle mais rigoroso em relação aos ‘horários de chegada em casa’ e ‘viajar junto com o pessoal da faculdade (Depoimento de Yung – KANG, 1993, p. 93).

Apesar de tudo isso, os filhos “tentam evitar o confronto com os pais por se sentirem devendo-lhes algo. Parece que há um certo tipo de pacto entre os pais e os filhos para que haja a continuidade da boa relação entre si” (KANG, 1993, p. 91).

4.2.2 Escola

Desde a sua chegada ao Brasil, os imigrantes coreanos têm trabalhado bastante, desejando que seus filhos ficassem empregados em atividades mais especializadas que resultassem em ascensão social (CHOI, 1991).

A importância dada à educação, cuja origem remete a cultura confucionista, sempre foi valorizada pelos coreanos e, mesmo para os pais imigrantes, desde os primeiros anos, esforçaram-se ao ponto de permanecer na cidade de São Paulo para assegurar melhores oportunidades educacionais (CHOI, 1991).

Quando necessário, eles contratam³⁷ professores particulares para acompanhar o estudo dos filhos. Além disso, como não dispõem de tempo para eles, em razão do excesso de trabalho, procuram mantê-los ocupados com programas de atividades extraordinárias, como música, artes plásticas, natação etc. (CHOI, 1991, p. 144).

A vivência na escola fez parte da vida social dos coreanos. E, sem a menor dúvida, a questão da língua sempre foi um problema desde o início. “Os problemas enfrentados pelas escolas são os mais variados possíveis, começando pela falta de professores especializados, ambiente adequado, processo e técnicas de ensino.” (CHOI, 1991, p. 150).

Além do mais, existe o parâmetro de exigência que se espera que todo aluno atinja na escola. Isto também foi esperado para o aluno coreano que, adicionado a isto, recebia as cobranças feitas pelos pais referentes ao seu desempenho acadêmico, que por sua vez eram muito maiores, visto que os coreanos dão prioridade à educação (CHOI, 1991; SAKAGUCHI, 2010).

Em termos de socialização, as amizades cultivadas nas escolas marcaram profundamente a identidade dos filhos de imigrantes coreanos. Relatos obtidos pela pesquisadora Kang (1993), mostram que dependendo do tipo de ambiente familiar em que foram criados, os jovens poderiam andar apenas com coreanos em turmas fechadas, outros andavam mais com os japoneses, pois identificavam-se com problemas semelhantes de identidade, outros apenas se “enturmavam” com os brasileiros, e ainda tinham aqueles que cresceram sem amigos.

Com o passar do anos, o grande tempo consumido pelos pais no trabalho, dedicado em busca da estabilidade financeira, acabou deixando a educação dos seus filhos a cargo, quase que exclusivamente, das escolas brasileiras (MARTA, 2004). Os filhos de imigrantes que encaram a sociedade brasileira, muitas vezes despreparados e sem o devido apoio, imergiram num ambiente onde acabaram constantemente absorvendo, de forma direta ou inconsciente, os pensamentos, as falas e os costumes dos brasileiros, diferentemente da educação em casa ensinada pelos seus pais, o que gerou atritos e desconforto numa chamada crise geracional, que será abordada mais adiante³⁸ (KIM, 1996).

4.2.3 Igreja

³⁷ Nota-se que esta referência foi tirada das pesquisas de Choi (1991), na época em qual ela estava elaborado sua dissertação de mestrado.

³⁸ Mais detalhes serão abordados na seção 4.8 deste capítulo.

Atualmente, a comunidade coreana de São Paulo conta com grandes quantidades de igrejas e templos, sendo a maior parte de caráter protestante. Assim, não tem como desconsiderar a atuação imprescindível das igrejas ao longo do processo de instalação dos imigrantes coreanos (YANG, 2011).

A igreja foi a primeira instituição não oficial³⁹ que acolheu os coreanos no Brasil, cumprindo não apenas um papel espiritual. Para os recém-chegados, diante de uma sociedade estranha, a igreja era o único lugar onde se podia ter uma tranquilidade psicológica. A igreja funcionava como um verdadeiro esconderijo linguístico-cultural para os imigrantes, assumindo até mesmo a função de um órgão social de apoio (CHOI, 1991; SAKAGUCHI, 2010).

Apesar da igreja ter uma relação íntima com o imigrante como algo que faz parte do “ser coreano”, nem todos têm sempre essa visão. De acordo com depoimentos em Kang (1993), alguns encaram a igreja como uma das obrigações que a comunidade exige dos membros e até mesmo há críticas dizendo ter perdido sua função principal.

4.2.4 Associações civis na comunidade coreana

Uma análise da comunidade coreana no Brasil mostra que, assim como na Coreia, os imigrantes também têm se organizado em associações. Há pelos menos 20, ou mais, associações cujos vínculos entre os integrantes são principalmente de amizade, prevalecendo muitas vezes um verdadeiro espírito de fraternidade. Os integrantes de tais associações ajudam-se mutuamente promovendo reuniões semanalmente ou mensalmente (KIM, 1996). “A existência dessas entidades aqui no Brasil revela a importância de certos laços como os regionais, familiares e sobretudo escolares, dentro da cultura coreana.” (KIM, 1996, p. 22).

A seguir, serão abordadas sucintamente algumas associações civis coreanas no Brasil.

4.2.4.1 Associação Brasileira dos Coreanos

Dita como a organização mais abrangente na atualidade, a Associação Brasileira dos Coreanos – ABC (브라질 한인회) se distingue das outras entidades, principalmente pela sua representatividade na comunidade coreana. Fundada em 1963, a ABC passou por um trajeto bastante conflituoso até chegar a sua forma atual (YANG, 2011). Entre os seus principais objetivos, destaca-se:

³⁹ Mais detalhes serão abordados na seção 4.3 deste capítulo.

- “Elaborar um sistema eficiente para lidar com assuntos administrativos da comunidade coreana.”
- “Organizar atividades culturais voltadas à unificação da comunidade.”
- “Zelar pelo respeito aos direitos dos imigrantes coreanos no Brasil, lhes fornecendo informações sobre a legislação brasileira que digam respeito à situação legal.”
- “Promover projetos que visem apoiar a educação dos jovens e adolescentes, como construção de bibliotecas, centro cultural etc.”
- “Organizar atividades culturais voltadas para os brasileiros, a fim de difundir maior conhecimento da cultura coreana e contribuir para que prevaleça a harmonia entre os dois povos.” (YANG, 2011, p. 179-180).

4.2.4.2 Associação Brasileira da Educação Coreana

De acordo com Yang (2011), a Associação Brasileira da Educação Coreana – ABEC (한브교육협회), fundada em maio de 1992, tem um papel fundamental dando orientações às demais instituições ligadas à educação dos imigrantes, quer sejam elas de cunho público, privado ou religioso. Destacam-se como seus principais objetivos:

- “Realizar a educação regular e especial tanto para os membros da associação quanto para o público geral.”
- “Apresentar a língua e cultura coreana à sociedade brasileira e estimular o intercâmbio entre os dois países.”
- “E cumprir o papel de intermediador na integração dos imigrantes coreanos e seus descendentes na sociedade brasileira.” (YANG, 2011, p.181).

4.2.4.3 Mídia

Os meios de comunicação representados pela mídia desempenham um papel aglutinador, reforçando o sentimento de nacionalismo entre os membros da comunidade. Tais meios servem para mantê-los informados sobre os principais acontecimentos da Coreia, de âmbito internacional e do Brasil (CHOI, 1991).

Os meio de comunicação da comunidade coreana em São Paulo são classificados basicamente em: jornais diários da Coreia do Sul para assinantes (Josun Ilbo, Nammi Dong-A

Ilbo, Jung-Ang Ilbo), periódicos comerciais (News Brazil, News Nammiro, Nammi Dong-A) e websites (Koreanet, Namiro.com e Hanaro.com). (YANG, 2011).

4.2.4.4 Outras organizações

Outros exemplos são organizações tais como a ABUC (Associação Brasileira dos Universitários Coreanos), a Câmara do Comércio e Indústria Brasil Coreia (CCIBK), a Coreia Lions Club e outras de ordem esportiva e cultural, como as de *taekwondo*, *gateball*, *badminton*, golfe, montanhismo, coral e *hwat'u*.

4.3 A imigração coreana e o protestantismo

Este tema foi abordado pelos autores a seguir: CHOI (1991), KANG (1993), ARAÚJO (2005), SILVA (2009), LIM (2009) e MONTEIRO (2011).

A trajetória do protestantismo que marcou a comunidade coreana no Brasil, remete a sua origem na formação e propagação do protestantismo na península coreana. A história do protestantismo teve início no final da década de 80, quando os missionários protestantes chegaram na Coreia. Segundo Silva (2009), eles⁴⁰ foram responsáveis pelo despertar nacional, sendo a igreja um lugar onde os coreanos ouviram pela primeira vez sobre democracia e direitos.

Existe uma expectativa da Coreia do Sul em se tornar o maior país protestante/evangélico da Ásia (PARK⁴¹, 2007 apud SILVA, 2009, p. 37). Segundo Lim (2009), são mais de 10 milhões de protestantes na Coreia do Sul, um número que vem crescendo diariamente.⁴²

A primeira igreja Protestante na Coreia do Sul foi criada em 1884, porém no ano de 1984, cem anos depois, já existiam cerca de 30 mil igrejas. No ano de 2000, o número de igrejas protestantes cresceu para 60 mil. Das 11 mega-igrejas do mundo, termo usado atualmente para designar igrejas com números acima de 25 mil membros, 10 dessas estão na capital Seul (SILVA, 2009, p.37).

⁴⁰ A sociedade coreana nunca mais foi a mesma desde a chegada dos missionários e a implantação do protestantismo. Este foi calorosamente recebido, não apenas como um credo religioso, mas também à conta dos seus aspectos políticos, sociais, educacionais e culturais. Na fundação do Clube da Independência (독립협회) em 1896, líderes do movimento de independência surgiram de dentro da comunidade protestante. O livro *The Spirit of Independence*, escrito pelo primeiro presidente da República da Coreia do Sul, *Syngman Rhee*, é um bom exemplo de descritivo (LIM; SILVA, 2009).

⁴¹ PARK, Eun Yung. **Dados apresentados no Eclesiocom, 2007**. II Colóquio de Comunicação Eclesial.

⁴² De acordo com o último dado divulgado em 14 de janeiro de 2019, pelo Ministério da Cultura, Esporte e Turismo da Coreia do Sul, referente ao ano de 2018, 19,7% da população coreana (51,64 milhões em 2018) é protestante. A maioria da população se disse “sem religião” (56,06%) mas, dentre os religiosos, 45% são protestantes (MINISTÉRIO DA CULTURA, ESPORTE E TURISMO DA COREIA DO SUL, 2018).

Silva (2009) menciona as razões que levaram a expansão do protestantismo na Coreia como: similaridades com algumas religiões e historiografias coreanas, a relação do zelo dos coreanos com a sua nova fé e o surgimento do alfabeto coreano (한글).

Além disso, ressalta-se os trabalhos dos missionários coreanos ao redor do mundo. Em relação ao Brasil, mais de 200 deles trabalham aqui, havendo mais de 100 denominações espalhadas pelo país, cuja maior concentração situa-se na grande São Paulo (LIM, 2009). Entre as razões que levaram o surgimento dos trabalhos missionários pelo mundo, segundo Araújo (2005), pode-se destacar dois pontos:

- Os protestantes tinham o sentimento de gratidão a Deus pelo fato de, mesmo a Coreia tendo sido dizimada, o seu país conseguiu se reerguer e se tornar uma nação forte, em conjunto com uma Igreja forte;
- Havia também um conceito de que a Coreia deve ser uma bênção para o mundo por meio do missionarismo e a assistência social. Como consequência disto, Deus estaria abençoando a sua nação, a fim de se tornar uma potência mundial, a exemplo da Inglaterra e os Estados Unidos.

A imigração dos missionários para o Brasil foi caracterizada de duas formas: por ser de “pastores que vieram para apoiar e cuidar dos imigrantes coreanos protestantes e pastores-missionários, que foram enviados pelas suas igrejas da Coreia com a finalidade de evangelizar a América Latina e, em nosso caso, o Brasil” (ARAÚJO, 2005, p. 60).

A história da imigração coreana no país revela um aspecto muito interessante. Os coreanos que vivem em São Paulo, estabeleceram em menos de 50 anos, mais de 71 templos evangélicos. Apesar da cultura religiosa coreana receber uma visão estereotipada do confucionismo ou budismo, a comunidade coreana aqui, conta com apenas um templo budista e uma única igreja católica. Estes números apresentam, inicialmente, uma tendência religiosa protestante dentro da colônia (SILVA, 2009).

Araújo (2005) afirma que a imigração coreana foi uma imigração predominantemente protestante, em especial quando analisados os primeiros grupos migratórios.

[...] embora o processo de emigração para o Brasil tenha sido organizado, desde o início, por ex-militares, quando o governo coreano resolveu assumi-la, designou o reverendo Dal Bin Chung como secretário especial, devido ao seu conhecimento do exterior, e em razão do grande número de protestantes que se apresentaram como candidatos à imigração (CHOI, 1991, p. 159).

Segundo Choi (1991), no primeiro grupo que veio para o país, um presbítero foi eleito como chefe e; durante a viagem, no navio, oravam, cantavam hinos religiosos e, aos domingos, faziam cultos normalmente. “Ao chegarem à Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, o grupo continuou a participar pontualmente dos cultos.” (CHOI, 1991, p. 60). A necessidade que os imigrantes tinham de realizar os cultos religiosos, levou, por fim, à fundação da sua primeira igreja denominada Igreja Presbiteriana Unida Coreana de São Paulo, localizada na Liberdade no ano de 1964 (CHOI, 1991). Como aspectos positivos das igrejas coreanas, estão: programas voluntários, frequência de oração, desejo de evangelização e a fé exercida pelos membros, diariamente, diante dos problemas (SILVA, 2009).

Apesar de hoje haver uma predominância do protestantismo na comunidade coreana, ao olhar os grupos de imigrantes que vieram ao longo dos anos no Brasil, o que melhor poderia caracterizar sua natureza é o fato de ser uma imigração cristã (para certo conjunto de grupos), uma vez que, além da predominância dos protestantes no primeiro e segundo grupo oficial, o quinto grupo foi marcado pelo grande número de católicos coreanos, considerada a mais bem sucedida entre as levadas nos seus tempos iniciais.

Monteiro (2011), que retratou os lugares de hospitalidade dos coreanos em São Paulo, ressalta a importância da igreja como a primeira forma de contato com a comunidade coreana e indiretamente com a sociedade paulistana.

[...] a gente largou a escola no meio do semestre lá na Coreia, aí viemos... Como era agosto, não dava para matricular na escola. E depois que eu cheguei à casa da minha avó, logo no dia seguinte, acho que era domingo, já fomos para a igreja. Porque a maior parte das pessoas, logo no início, faz amizade com pessoas da igreja para socializar, para conhecer gente. E acho que é assim que as pessoas se conhecem, se não tem parentes, se não tem um círculo... Ninguém tem um círculo de amizades, na verdade. A gente cria um dentro da igreja (Depoimento de um entrevistado pelo autor – MONTEIRO, 2011, p.113).

Silva (2009) traz um olhar para as igrejas como sendo uma rede social formada dentro da instituição religiosa, servindo de meio para adaptação social e estabilização financeira dos imigrantes.

[...] É nesses locais que os imigrantes têm a oportunidade de falar sua língua mãe, de trocar informações sobre familiares que permaneceram na Coreia, e falar sobre aqueles membros da comunidade que tiveram sucesso financeiro, [além de], discutir o passado e a situação atual do Brasil e da Coreia, estabelecer parcerias para negócios, discutir a educação dos filhos e até arranjar casamentos (MONTEIRO, 2011, p. 112).

Entretanto, também notam-se aspectos negativos, onde havia igrejas atraindo membros de outras igrejas causando desentendimentos entre os pastores. Nem sempre os fiéis correspondiam em seu comportamento diário, e adicionado ao caráter peculiar de facilmente se irritar dos coreanos, tudo isto levou à divisão entre as igrejas (SILVA, 2009).

Tem gente disputando lugar. Se for empresa, tudo bem. [...] Parece que tão comprando ações da igreja. [...] É igreja só por fora. [...] Queria saber se a igreja brasileira também é assim (Depoimento de um entrevistado pela autora – KANG, 1993, p. 103).

Mesmo que ainda existam críticas sobre o fato das igrejas terem perdido a sua função principal, onde o aspecto social é mais relevante do que a área espiritual, assegura-se que a igreja cumpre um papel importante na socialização dos imigrantes coreanos (SILVA, 2009).

Por vivenciarem situações muito similares no início, a igreja se tornou o local onde os imigrantes poderiam compartilhar os mesmos problemas, desafios e dificuldades, entretanto, com o passar do tempo, eles começaram a se estabelecer e seguir seus caminhos com mais independência, passando a perceber mais claramente as suas diferenças. Consequentemente, são formadas outras redes que se apóiam em bases diferentes da igreja, resultando em associações culturais, esportivas, entre outras, as quais, representariam interesses comuns e incrementariam a vida social da comunidade coreana (MONTEIRO, 2011).

4.4 O papel da mulher coreana imigrante

Apesar dos poucos estudos disponíveis sobre a mulher coreana no Brasil, o seu papel foi de extrema importância para comunidade desde os primeiros anos. Este tema foi abordado pelos autores a seguir: CHOI (1991), WON (2005) e HONG (2010).

A mulher coreana nunca se rendia a nenhuma adversidade e deve ter manifestado esse seu dom natural no início da imigração, por isso que só ela podia sair batendo de porta em porta com uma sacola pesada, mesmo sem saber a língua ou o caminho, somente no intuito de prover a sua família (WON, 2005, p. 105).

O trecho acima destaca a natureza da mulher coreana, tenaz e capaz diante das adversidades enfrentadas pelo meio. Tal natureza está ligada ao seu passado sofrido e de superação. Segundo Won (2005), a história coreana revelou as diversas facetas de tratamento submisso das mulheres, tendo suas especificidades a depender da época⁴³. Todavia,

⁴³ A autora retrata em sua dissertação, a mulher nas eras anteriores a Joseon, a mulher na era moderna, a mulher na era da colonização japonesa e a mulher coreana na sociedade contemporânea (WON, 2005).

principalmente na Era Joseon, antes da chegada da era moderna, a posição e a função da mulher foi bastante restringida pelos valores culturais específicos do patriarcalismo confucionista, sendo sujeita à figura de um homem.

Desde a infância, a mulher era exaustivamente treinada para adquirir a mentalidade e postura essenciais para que a virtude e a qualidade requeridas para uma mulher imaculada incorporassem naturalmente em seus hábitos pessoais. [...] a mãe ensinava à filha que iria se casar, boas maneiras, linguagem correta, costumes e a manter uma conduta irrepreensível. [...] a obediência cega ao marido era [o] ensinamento primordial dessa educação preparatória ao matrimônio. Era exigido servir ao marido como se servisse a um deus, adotar postura cautelosa em sua presença, obedecer-lhe em qualquer ocasião, não contrariá-lo e nem mentir, não fazer prevalecer o seu argumento em decisões importantes da família e concentrar os esforços somente para dar assistência ao marido (WON, 2005, p. 51-52).

Tais adversidades fizeram delas mulheres de fibra, que ao imigrarem para o Brasil, “enfrentaram o desconhecido, com medo e insegurança, mas permitiram ao sonho voar alto. Armaram-se de coragem e força para vencer em uma terra com língua, costumes e escrita totalmente distintos”. (HONG, 2010, p. 100).

“O típico panorama da sociedade coreana, patriarcal e com liderança centrada na figura masculina, sofreu mudanças no Brasil, quando começaram a surgir lares onde o papel de chefe de família, muitas vezes, foi passado à mulher por questões de contingência.” (WON, 2005, p. 3). Preocupadas com o sustento da família e diante da carência a sua volta, as donas de casa passaram a trabalhar lado a lado com os seus esposos (CHOI, 1991). Assim, pode-se perceber a primeira razão que levou a mudança do papel da mulher imigrante, o que resultou na especialidade comercial exercida pelos coreanos no Brasil: a moda têxtil feminina.

Para as que trabalham nas confecções, cabe a elas à escolha dos tecidos, cores, modelos, botões e todo o assessoramento da montagem das roupas e até a decoração das vitrines. As alterações decorrentes das transformações pelas quais passaram ao se tornar economicamente ativas, criou resistências por parte dos homens, agravando-se o problema por muitos deles terem se tornado subalternos, à medida que, trabalhando junto com a sua esposa, muitas vezes, eram só os motoristas, para as viagens de ida e volta entre as lojas ou, da residência para o local de trabalho. Quando muito, fazem o papel de contadores das lojas, resolvendo problemas financeiros com bancos e controlando o caixa (CHOI, 1991, p. 142).

Mesmo com a mudança no seu papel, os seus deveres não foram alterados. Elas podem se dizer que sofreram o triplo impacto: primeiro foi a diferença de cultura, depois, a preocupação de ganhar dinheiro para o sustento e enriquecimento da família e, por último, em adição, elas tinham o dever de trabalhar fora de casa durante o dia e em casa à noite (CHOI, 1991). Assim, nesta situação, às mulheres cansadas, restava apenas a religião como válvula de

escape para todos os seus problemas: “daí, ao nosso ver, as reuniões religiosas serem muitas e prolongadas, varando a noite.” (CHOI, 1991, p. 143).

Uma segunda razão que deu suporte para a mudança do papel da mulher coreana imigrante, foi a igreja. Hong (2010), que desenvolveu seus estudos relacionando a imigração e envelhecimento dos coreanos, entre eles a *feminização da velhice*, destaca o papel fundamental da igreja no processo de socialização diante das mudanças nas relações familiares e as novas condições que os idosos estão sujeitos na sociedade urbana. Won (2005) afirma que o evangelho foi essencial para as mulheres coreanas recuperarem a auto estima salutar, podendo ter uma vida dotada de significado, valor e cheio de confiança.

Além de prover o sustento para a família, uma das maiores preocupações da mulher imigrante era o cumprimento do papel de mãe para com seus filhos (WON, 2005).

Diferentemente do trabalho de vendedor ambulante, onde podiam se comunicar pela linguagem corpórea, agora elas estavam numa situação que precisavam lidar sistematicamente com brasileiros [como contratar funcionários, comprar tecidos, negociar uma venda etc.] e para isso precisavam dos filhos que já estavam falando português (WON, 2005, p. 116).

As mães coreanas da primeira geração sempre tiveram muito entusiasmo pela educação dos filhos, entretanto elas “[...] foram tomadas pelo sentimento de culpa por não terem tido tempo para os filhos, não terem dado a merecida atenção aos relatos deles e nem terem preenchido as suas necessidades da fase de crescimento⁴⁴” (WON, 2005, p. 116).

Portanto, esta seção buscou retratar um pouco da mudança no papel da mulher imigrante coreana em face ao processo migratório para Brasil e as novas condições, às quais foram sujeitadas numa sociedade urbanizada.

4.5 Os imigrantes coreanos e o comércio na zona urbana

Este tema foi abordado pelos autores a seguir: CHOI (1991), RONGANTI (2004), WON (2005), YANG (2011) CHI (2016) e LEITE (2020).

4.5.1 Os primórdios das atividades comerciais

⁴⁴ Mais detalhes serão abordados na seção 4.7 deste capítulo.

Muitas dificuldades foram enfrentadas pelos primeiros coreanos até se instalarem nas atividades comerciais em São Paulo. Entre elas, estavam a falta de dinheiro, dificuldade com a língua, identidade étnica não reconhecida, atritos com os brasileiros pelas diferenças culturais, entre outros. Segundo Yang (2011), os que dispunham de mais recursos começaram a abrir pequenas mercearias, charutarias, quitandas e outros estabelecimentos onde estavam concentrados imigrantes japoneses.

Cheguei ao Brasil em 5 de janeiro de 1962. Primeiramente, trabalhei na fazenda *Arirang*. Mas não aguentei. Decidi me mudar para São Paulo. Tinha US\$ 400,00. Em 20 de janeiro de 1963, abri uma loja no Mercado Central, em São Paulo. Para iniciar essa atividade nova, consultei japoneses e tentei arranjar um emprego. Mas eu era muito velho para ser selecionado para qualquer emprego [...]” (Depoimento de Kwan Soon Hong – CHOI, 1991, p. 92).

Para uma melhor compreensão do assunto, seguem adiante as fases de comércio, praticado por imigrantes coreanos em São Paulo.

- Fase do *bendê*

Constituída como a opção mais praticável para a maioria dos imigrantes que dispunham de pouco dinheiro, desde a sua chegada em São Paulo, o *bendê*⁴⁵ foi o tipo de venda de casa em casa de quaisquer produtos trazidos da Coreia que se julgava valer a pena vender. A mão de obra predominante era a feminina e, segundo uma pesquisa em 1967, na época, 70% dos coreanos se dedicavam a esta atividade ou tinham seu próprio negócio (YANG, 2011).

Cabia às mulheres a venda das mercadorias. Os maridos ficavam em casa cuidando das crianças, ou as acompanhavam, mas permanecendo no carro. Para eles, a venda se tornava mais difícil, não só por serem homens orientais, mas, sobretudo, por conservarem certo orgulho inerente à classe média coreana (CHOI, 1991, p. 99).

Segundo Yang (2011, p. 164), “dos produtos comercializados, logo eles perceberam que as roupas eram as que propiciavam os maiores lucros, pois a qualidade das roupas produzidas à época na Coreia era bastante superior e podiam ser vendidas facilmente para pessoas de baixa renda no Brasil”.

⁴⁵ O termo *bendê* (벤 데) tem origem na palavra “vender” ou “venda”. Para muitos imigrantes coreanos que ainda não estavam acostumados à pronúncia da língua portuguesa, essa palavra soava como *bendê*, que assim permaneceu, significando “venda de produtos de casa em casa” (YANG, 2011, p. 164).

- Fase da costura

Esse ciclo começou por volta de 1968 com o aumento da demanda dos produtos comercializados pelos ambulantes coreanos. O sucesso desta atividade comercial levou ao esgotamento dos produtos, ocasionando, então, a fabricação própria, por meio da instalação de maquinários nas suas casas (YANG, 2011).

“A rentabilidade desse tipo de atividade cresceu cada vez mais, a ponto de garantir mais do que o mínimo necessário à subsistência [se fosse aproveitado] a mão de obra familiar.” (YANG, 2011, p. 165). Assim, aos poucos, houve o impulso do crescimento no ramo de confecções pelos imigrantes coreanos.

- Fase das manufaturas

A “fase das manufaturas” dita por Yang (2011), tem a ver não apenas com a vinda de coreanos diretamente da Coreia, mas também daqueles oriundos de outros países como Paraguai e Argentina, os quais vieram incentivados pelas notícias de sucesso dos seus conterrâneos nesse ramo.

Segundo Yang (2011, p. 166), “a característica mais notável da segunda metade da década de 1970 é que imigrantes coreanos, que viviam de *‘bendê’* e costura, conseguiram juntar dinheiro para alugar lojas em seu próprio nome”, tomando os espaços da rua José Paulino no bairro do Bom Retiro, até então dominada pelo comércio judeu.

Mesmo com o trabalho árduo e em condições desfavoráveis⁴⁶, tal ramo era atraente pois não oferecia altos riscos, o investimento inicial era baixo e o seu retorno, apesar de limitado, era a curto prazo. Outra razão se deve ao fato de nos primeiros anos não haver a necessidade do uso constante da língua portuguesa para realização dessa atividade comercial pelos coreanos (CHOI, 1991).

⁴⁶ Em Choi (1991, p. 103-104), há o registro de alguns depoimentos de imigrantes que vivenciaram os primeiros tempos na cidade de São Paulo:

- “Três dias após o nascimento do meu primeiro filho, cheguei a passar trezentas blusas, porque eu estava preocupada com o prazo da entrega de roupas [...]”.
- “Costurando, nós não saíamos de casa, visto que os confeccionistas traziam e buscavam as peças de roupas. Além disso, trabalhávamos o dia inteiro até à uma hora da madrugada[...]”.
- Trabalhando em ritmo intenso, logo começaram a sentir o efeito sobre o organismo: alimentação irregular a que ficavam sujeitos, levava-os ao consumo frequente de remédios. [...] “Eu chegava em algumas ocasiões, a tomar 15 pílulas por digestão em uma dia!”.

Por estar ligada a moda feminina, a mulher coreana ganhou destaque nesta área, sentindo-se feliz de poder revelar o seu potencial e colocar sua habilidade em prática. Sendo assim, o exercício da atividade econômica pelas mulheres passou a ser visto com muita naturalidade pela comunidade, assumindo a liderança nessa atividade (WON, 2005).

4.5.2 A economia têxtil no bairro do Bom Retiro

O Bom Retiro é um bairro dedicado à indústria têxtil há muitas décadas e ao comércio de produtos de fabricação própria. Considerado um polo de economia étnica⁴⁷, as “[...] suas atividades geram 50 mil empregos diretos e 30 mil empregos indiretos. O principal ramo de atividade é a moda feminina: estima-se que 55% da moda feminina do Brasil saem do Bom Retiro” (CDL⁴⁸, s/d apud CHI, 2016 p. 97). Em relação à contribuição dos coreanos nesta economia, “hoje no Bom Retiro, 80% das confecções são de moda feminina e têm proprietários de origem coreana” (DINIZ⁴⁹, 2012 apud CHI, 2016, p. 100).

A seguir, será abordada, sucintamente, a trajetória da economia têxtil coreana no bairro do Bom Retiro. A década de 70 marcou os anos iniciais dos coreanos no bairro, como também a enorme entrada de imigrantes ilegais no país. Segundo Chi (2016, p. 85), a sua presença está “[...] na base do sucesso econômico dos coreanos no ramo da confecção, pois eles forneciam a preço baixo o que costuravam em casa, nas oficinas caseiras e clandestinas, corroborando, com a mão de obra barata, a alta competitividade dos coétnicos nos polos têxteis do Bom Retiro e do Brás”. Os coreanos tiveram uma estrutura pronta para morar e trabalhar como herança da colônia judaica. “Assim, ao longo do processo de evolução da economia do bairro, cada colônia⁵⁰ de imigrantes contribuiu com técnicas novas e vocações diferentes na conquista [e melhorias] por seus espaços” (CHI, 2016, p. 99).

Com a entrada da década de 80, o número de confecções coreanas teve um aumento repentino. O Bom Retiro, que oferecia uma gama de moradias e atendia diversas classes sociais, começou a receber coreanos que preferiam morar lá, perto de onde trabalhavam (CHI, 2016).

⁴⁷ Diferente do conceito de enclave étnico, o *polo de economia étnica* é o polo têxtil, de que participam diversas etnias do bairro, cada uma ocupando-se de uma modalidade e constituindo, assim, uma cadeia completa e autossuficiente de produção e venda de artigos de vestuário (CHI, 2011, p. 26).

⁴⁸ CDL – CÂMARA DE DIRIGENTES LOJISTAS. **História**. São Paulo, [s/d].

⁴⁹ DINIZ, Pedro. Bom Retiro numa boa. **Folha de São Paulo**. Revista São Paulo, São Paulo, 01-07 abr.2012.

⁵⁰ Nota-se que a autora, neste caso, emprega o termo “colônia” para os grupos étnicos do bairro do Bom Retiro.

A diversidade de atividades econômicas a que se dedicavam os pioneiros da imigração, começou a desaparecer, surgindo, como o principal ramo de atividades econômicas da colônia, a confecção, mais especificamente de moda feminina atacadista de *pronta-entrega*. Mesmo com a concentração dos coreanos dentro de um nicho específico, novos imigrantes que chegavam ao país ainda podiam pleitear um lugar nela, inserindo-se nesse mecanismo de ascensão (CHI, 2016, p. 86, *itálico nosso*).

Como característica marcante dos coreanos, está o negócio familiar, com o qual visavam o apoio mútuo, aumentando assim a produtividade, o que possibilitou a introdução de um novo formato de produção e de venda, chamado de *pronta-entrega*. Uma logística de produção e venda dentro da constituição espacial do bairro é formada, e devido ao rápido fluxo de mercadorias, os confeccionistas preferiam manter a produção e o estoque próximos aos pontos de venda a fim de que, a reposição de mercadoria vendida seja imediata. Por isso, notam-se confecções de médio ou grande porte para tecelagens instaladas nos galpões industriais do bairro (CHI, 2016).

Entretanto, este cenário mudou por completo com a entrada da década de 90. O aumento da concorrência entre os coreanos gerou uma diferença social dentro da colônia, trazendo uma grande mudança na estrutura de trabalho e na ocupação da cidade (CHI, 2016).

Concomitantemente, o bairro começou a atrair como moradores, imigrantes recém-chegados, ilegais e pessoas com pouco poder aquisitivo que passaram a montar pequenos negócios de comércio e serviços destinados para a própria colônia, evitando a concorrência acirrada do mercado de confecção e constituindo um centro comercial para o público coreano, caracterizando o estabelecimento de uma [nova] economia de enclave étnico (CHI, 2016, p. 87).

Chegando ao final da década de 90, os coreanos investiram na sofisticação do negócio de confecção, diferenciando-se da roupa barata importada da Ásia. Desfrutando da maior rede de fornecedores de matéria-prima importada da Coreia do Sul, tornaram-se concorrentes dos antigos fornecedores de outras etnias no bairro (CHI, 2016).

Quando viajavam, eles traziam, junto às roupas da coleção nova, referências das vitrines, dos espaços de venda e da apresentação dos produtos dos maiores polos internacionais de moda. As ruas que cresceram junto com esse movimento de sofisticação das confecções, [...] exibem uma aparência diferente do restante das ruas de confecção (CHI, 2016, p. 122).

Chi (2016, p. 135) afirma que “no ano de 2000, o novo polo Aimorés-Lombroso⁵¹ de moda feminina atacadista estava consolidado. E os primeiros cinco anos da década, que se

⁵¹ Considerado um dos principais polos têxteis do Bom Retiro, engloba principalmente as lojas de roupas da rua Aimorés e Professor Cesare Lombroso, os quais cresceram junto com o movimento de sofisticação dos espaços e confecções (CHI, 2016).

seguiram, foram marcados por prosperidade econômica e grande entusiasmo”. Roganti (2004) que pesquisou na época a respeito das publicações referente ao Bom Retiro, retrata matérias como a de um projeto de tornar o bairro “*O bulevar da moda – conhecido como centro popular de compras, o bairro investe na modernização de lojas e produtos para se transformar em um polo de atacado com muita bossa e glamour*” (ROGANTI, 2004, p. 44).

Ao retratar o Bom Retiro dos últimos anos, o polo têxtil mostrou uma forte tendência de retração (SIDIVESTUÁRIO⁵², 2015 apud CHI, 2016, p. 125). “Independente da conjuntura econômica nacional, essa retração está relacionada aos sintomas gerais da economia neoliberal, tais como decadência de pequenos comércios locais, deslocamento do polo de produção para a Ásia e a concorrência com as redes multinacionais do ramo do vestuário.” (CHI, 2016, p. 126).

Entretanto, é inegável o fato da predominância e contribuição dos imigrantes coreanos no ramo das confecções do bairro. Segundo Won (2005), existem duas razões para os coreanos estarem comandando as confecções femininas: a primeira, é o fato da produção de roupa ser uma atividade laboriosa e meticulosa que envolve muitas etapas desde a compra do tecido, criação do modelo, corte e costura, embalagem etc. Assim, sendo difícil para outros povos, os coreanos pela sua natureza diligente e habilidade na área, ganharam a liderança neste ramo. Além de muitos coreanos se deleitarem por essa atividade, a segunda razão está no fato do coreano possuir um senso para moda feminina, o que é fundamental num ramo onde se compete com ideias peculiares e criativas.

4.5.3 Diversificação das atividades econômicas

Apesar de já existirem desde o final da década de 70 outras atividade comerciais, estas foram intensificadas na década de 90, dando espaço para novos estabelecimentos que atendessem principalmente à comunidade coreana. Assim, na década de 90 é perceptível a multiplicação destes estabelecimentos como restaurantes, mercados, cabeleireiros, agências de viagem, lojas, escritórios de advocacia, entre outros.

Segundo Leite (2020), as transformações socioeconômicas ocorridas na cidade de São Paulo ao longo das décadas, em especial sob a presença de uma grande quantidade de imigrantes, deram à cidade uma característica cosmopolita. O bairro do Bom Retiro caracterizou-se pela

⁵² SINDIVESTUÁRIO. **Coleção de inverno encalha e lojas fecham as portas no Bom Retiro**. São Paulo, 2015.

presença de diversos grupos étnicos que trouxeram diversos elementos culturais como gastronomia, música, lazer e folclore, os quais, “[...] por suas diferenças pelo modo vivido do povo brasileiro se mostram relevantes para a constituição de experiências e vivências urbanas atraentes para visitantes” (LEITE, 2020, p. 17).

Portanto, recentemente, o setor turístico despontou por intermédio do legado étnico dos imigrantes, fomentando consequentemente o desenvolvimento econômico da região. As padarias coreanas conhecidas como *bakeries*, muito populares na Coreia do Sul e, não tão diferente do Brasil, têm recentemente ganhado importância como espaço de sociabilidade para além do contexto econômico (LEITE, 2020).

Leite (2020, p. 119), por meio de entrevistas e análise de trajetos percorridos pelos turistas do Bom Retiro, durante as suas recentes pesquisas, afirma a evidência de que “[...] as transformações ocorridas nos últimos anos se devem em grande medida pela chamada *Korean Wave*⁵³ (conhecida como *Hallyu*)”.

Entretanto, nem tudo é pelo *K-pop* (LEITE, 2020).

Todo mundo já conhece a José Paulino, por isso tem pessoas que já frequentavam aqui por causa do comércio. Não dá pra dizer que é só pela cultura coreana, porque nós temos um outro atrativo que é um pouco mais antigo do que a comida e tudo mais, que são as roupas. Então, algumas pessoas aproveitam que vem fazer, quando tem um tempo a mais, aproveitam e vão, ah tem um cafezinho aqui porque eles precisam comer também (Entrevistada Ana Yu – LEITE, 2020, p. 115).

Sendo assim, a análise feita pela autora indica que o legado étnico coreano faz parte de forma voluntária do circuito turístico do bairro, em que os visitantes e turistas, de uma maneira geral, chegam às ruas deste enclave étnico por diversas razões (LEITE, 2020).

4.6 Os imigrantes coreanos e a sua ascensão social

Este tema foi abordado pelos autores a seguir: CHOI (1991), KIM (1996), SANTOS (2000), RONGATI (2004), e CHI (2016).

A alternância de sucessos e fracassos caracterizou os primeiros anos de vida dos coreanos no Brasil. [...] A falta de capital levou alguns coreanos a levantar empréstimos para conseguir sua independência econômica mais cedo; alguns se deram bem, outros não, em virtude da multiplicação das dívidas e cobrança de juros (CHOI, 1991, p. 106).

⁵³ *Korean Wave* ou “Onda Coreana” se refere ao sucesso dos produtos da indústria cultural sul-coreana no exterior.

A fim de superar as adversidades de uma vida migrante, os coreanos no país estabeleceram alguns mecanismos de organização socioeconômica. Como estratégia de grupo para manter a sobrevivência e inserir-se no mercado, os imigrantes formaram um consórcio de ajuda colaborativa denominada *Kye*⁵⁴ (계). (ROGANTI, 2004).

Este sistema de crédito informal, cuja origem remete a um modo tradicional de ajuda mútua rural da Coreia desde dinastias passadas, foi adaptado ao meio urbano, trazendo um novo tipo de solidariedade ao bairro, proporcionando um auxílio econômico ao imigrante para que pudesse se estabilizar financeiramente, saldar dívidas, abrir negócios etc. (KIM, 1996; SANTOS, 2000).

O coreano tradicionalmente fazia o *Kye* para tudo, principalmente quando se defrontava com uma grande despesa, como o casamento dos filhos, o funeral, a festa de aniversário sexagenário dos pais. Enfim era um modo informal de angariar uma soma razoável em dinheiro, com base apenas na palavra dos consorciados (KIM, 1996, p. 24).

No Brasil, “[...] a associação do *Kye* aos empreendimentos comerciais continua a ser determinante na vida dos imigrantes coreanos, sendo em grande parte responsável pela sua ascensão econômica” (KIM, 1996, p. 92).

“Diferentemente das histórias de outras colônias que passaram pelo bairro, a ocupação coreana do Bom Retiro não significou para a colônia coreana o início da história de imigração, mas sim o crescimento econômico dos negócios da confecção.” (CHI, 2016, p. 91). Em meados da década de 90, a ascensão social dos imigrantes coreanos já era perceptível e estava intimamente relacionada a sua atividade econômica exercida desde décadas passadas.

Fazendo uma análise da conjuntura geral da época, é possível perceber uma mudança na estrutura social da comunidade coreana, a qual recebeu também influência da forte crise econômica que assolou o país na década de 90. De acordo com Chi (2016, p. 92), “[...] a valorização dos imóveis comerciais do Bom Retiro e do Brás e a concorrência acirrada entre os confeccionistas coreanos fizeram com que o mercado de confecção fechasse as portas para quem chegou tarde”.

Assim, havia um novo enclave de coreanos se formando “[...] que oferecia uma diversidade nunca vista de comércio e serviços destinados para a própria colônia [...]”. (CHI, 2016, p. 91). Se por um lado a prosperidade das confecções possibilitou o enriquecimento de alguns, por outro lado, possibilitou o surgimento de diferenças sociais internas na colônia.

⁵⁴ Pela Nova Romanização coreana de 2000, seria “*Gye*”.

Portanto, Chi (2016, p. 92) afirma que “a consolidação do enclave dos coreanos no Bom Retiro é um divisor de águas na história da imigração coreana de São Paulo”.

Um dos parâmetros que pode medir a ascensão social é a mudança dos imóveis residenciais dos coreanos ao longo dos anos.

Os imigrantes antigos, que tinham intenção de permanecer no Brasil e que desfrutavam da boa condição econômica, adquiriram os imóveis residenciais nos bairros de classe média e média alta, de preferência próximos da região central, tais como Aclimação, Higienópolis, Santana e Perdizes, que possuem boas ligações viárias com o Brás e o Bom Retiro onde a maioria mantinha seus negócios (CHI, 2016, p. 87).

Em busca de dados que pudessem abordar a questão da ascensão dos imigrantes coreanos, Roganti (2004) optou por trabalhar com instituições que tivessem um peso considerável para a comunidade coreana como a ABC, a Câmara de Comércio Brasil-Coreia do Sul, o Consulado e as igrejas. Pelos dados de pesquisa colhidos através de questionários aplicados à católicos e protestantes (havendo uma identificação religiosa nos entrevistados), verificou-se que 59,67% deles encontram-se na faixa de renda de 10 a 20 salários-mínimos e alguns na faixa de mais de 20 salários-mínimos (RONGANTI, 2004).

Os dados da sua pesquisa também mostraram que 54,51% dos informantes disseram que houve uma melhora na trajetória de vida, 41% declararam que não houve melhorias e 3,69% não responderam (ROGANTI, 2004).

Portanto, para aqueles que estavam na condição de ambulantes, o aumento da renda familiar e a aquisição de bens móveis e imóveis, representam indícios de que houve uma sensível ascensão socioeconômica dos imigrantes coreanos no Brasil.

4.7 Os imigrantes coreanos e a educação

Este tema foi abordado pelos autores a seguir: CHOI (1991), KANG (1993), ARAÚJO (2005), SILVA (2009), HONG (2010) e CHI (2016).

Choi (1991) em seus estudos a respeito da imigração coreana, afirma que ao longo destes anos, muitos imigrantes quando questionados, apontaram a “educação dos filhos” como uma das razões que os fizeram imigrar. Entretanto, apesar do esforço contínuo, tal objetivo ainda não foi totalmente alcançado, pois acredita-se que, em muito dos casos, o fator econômico se tornou a preocupação primordial em detrimento dele.

Pelas longas horas de trabalho que os pais estavam sujeitos e pela grande quantidade pedidos, houve a necessidade do apoio dos filhos, especialmente os mais velhos.

Dentro de uma mesma família, os filhos ou filhas primogênitos foram obrigados a participar do trabalho com os pais. Conseguida uma condição econômica melhor para a família, possibilitaram, muitas vezes, a continuidade dos estudos dos irmãos mais novos. Isto significa, em outras palavras, que os irmãos mais velhos vêm sendo mais sacrificados do que os demais (CHOI, 1991, p. 145).

Nos estudos feitos por Kang (1993) sobre a socialização dos jovens coreanos, existem depoimentos de filhos⁵⁵ de imigrantes os quais tiveram que encarar uma vida muito difícil desde seus anos iniciais neste país. Apesar de haver diferenças em cada família, grande parte dos entrevistados, na época crianças, por aprenderem mais rápido a Língua Portuguesa (doravante LP), tiveram que começar a trabalhar cedo ajudando seus pais.

Lembro que a gente morava num apartamento e fazia bordado. Na época, o pai não sabia falar. Então, ele me levava nas lojas... [...] já que eu ia para escola, acho que sabia falar um pouco melhor do que ele. Então, levava uma criança para pegar trabalho... [...] para arranjar o trabalho para bordado. Então, tinha que ir para lojas... [...] Não tinha que falar muita coisa. Quando tinha que entregar (peças já bordadas)... essas coisas... (Depoimento de Sook – KANG, 1993, p. 60).

Pelo fato de muitos pais dedicarem-se integralmente ao trabalho nos tempos iniciais, alguns dos filhos citaram a “solidão” como o maior sofrimento que tiveram que aguentar quando pequenos (KANG, 1993).

Todo mundo estava chorando, mas eu estava acostumado a ficar separado dos pais. Então, eu não senti muito nesse dia. [...] Até hoje, sinto carência. A gente tinha que se virar sozinho. Os deveres dos pais, como correr atrás do pagamento de camê, a gente que fazia. Hoje, a gente entende, mas na época era difícil. Todos os pais iam buscar, mas a gente não. Tinha que andar 1 km sozinho. A gente comprava roupa pra si... [...] não tinha onde me apoiar. [...] Chorei muito pra aprender a lição que era “se vira”. (Depoimento de Lee, 1º dia de aula – KANG, 1993, p. 63-64).

Apesar de todas as adversidades presentes, os pais sempre desejaram o sucesso para os seus filhos, esperando que eles pudessem participar integralmente na sociedade brasileira pelo caminho dos estudos (KANG, 1993).

...comecei a estudar na escola municipal, depois passei para a estadual na 3ª série. E, na 6ª, fui para a particular. Daí em diante, eu sempre nas particulares... [...] Depois de pegar um pouco de base, fui para os melhores [...] Acho que a minha meta era USP.

⁵⁵ Apesar da quantidade de entrevistados nesta dissertação ser bem pequena, os seus discursos detalhados e concretos nos possibilitaram entender com profundidade a situação vivida por eles, e serviu de modelo para o entendimento de certa, ou até boa parte, de outros jovens imigrantes em questão.

como todos os coreanos. Eu sempre quis fazer faculdade, nunca tive essa ideia de parar no colegial. Para mim, acabar a escolaridade, era depois da faculdade. Para mim, acho que sempre tive educação meio assim. Ter que terminar faculdade... (Depoimento de Sook – KANG, 1993, p. 71).

Desde o começo da década de 70, os coreanos tiveram alto índice de aprovação na melhores universidades. Em 1989, havia cerca de 700 alunos coreanos e descendentes cursando regularmente as faculdades de São Paulo (CHOI, 1991). Yang (2011) que desenvolveu sua pesquisa também em filhos dos primeiros imigrantes coreanos (a chamada “Geração 1.5”), traçou seus perfis profissionais constatando uma área de atuação bem diversificada. No entanto, a confecção de roupas femininas ainda é um ramo preferido por muitos imigrantes coreanos e seus descendentes.

Depoimentos como “[...] embora eu tenha me formado em arquitetura no Mackenzie, não consegui emprego e decidi me dedicar à confecção” (CHOI, 1991, p. 145), mostram que, “ironicamente, o sonho dos pais, muitas vezes não se realiza, a medida em que seus filhos, ao concluírem o curso de nível superior, voltam a exercer atividades no ramo de confecção” (CHOI, 1991, p. 145).

Assim, vendo tal situação, não pode-se deixar de mencionar o investimento de muitos pais em colocar seus filhos nas melhores escolas e instituições estrangeiras que ensinam o inglês ou francês no intuito de mandá-los “[...] para o exterior, a fim de se especializar e ter melhor oportunidade de desempenho em suas profissões [...]” (CHOI, 1991, p.146). Isto é, até hoje, visto nos filhos dos expatriados coreanos que vivem no Brasil (BAE, 2019).

Ao longo dos anos, diferenças de pensamentos, no modo de vida e na forma de encarar as situações, deram origem a diferentes gerações de imigrantes coreanos no país. A “geração 1.0”, “geração 1.5” e a “geração 2.0” foi uma classificação usada por alguns autores como Chun⁵⁶ (2001 apud HONG, 2010, p. 33-35) para dividir as gerações de imigrantes coreanos.

- Primeira Geração: corresponde à geração inicial de imigrantes que chegaram em grandes levadas, principalmente na década de 70. Eles tentaram ser a parte ativa da comunidade local, mas as barreiras culturais e linguísticas os inibiram. Por causa destas dificuldades adotaram uma postura de recolhimento em torno das igrejas, nas quais poderiam se expressar livremente e compartilhar frustrações e esperanças. Tentaram preservar o idioma coreano como patrimônio e a estrutura do poder hierárquico, por meio das tradições transmitidas às gerações mais jovens;

⁵⁶ CHUN, D.M. **Kingdom Centered Identity of Korean** – Brazilian Bicultural People, 2001.

- “Geração 1.5”: este grupo inclui aqueles que imigraram para o Brasil, com os pais, da Coreia, quando eram crianças ou adolescentes, e trouxeram a identidade cultural coreana e um bom domínio do idioma. São bilíngues e “biculturais”. Verdadeiramente uma geração meio a meio;
- Segunda Geração: esta geração refere-se aos brasileiros-coreanos que nasceram no Brasil ou vieram para cá na tenra idade. O português é a sua língua materna, são considerados brasileiros em todos os sentidos, exceto pela sua aparência oriental.

Por último, como um dos grandes feitos da comunidade coreana na década de 90, destaca-se a inauguração do Colégio Polilogos.

“Na época em que terminou de construir era sonho meu, sonho de muita gente. É um dos únicos imóveis monumentais da colônia coreana. Tirando as igrejas, é o único.”
(Depoimento de um membro da ABEC – CHI, 2016, p. 176).

Segundo Araújo (2005), o Colégio Polilogos, localizado na rua Sólon, 1018, no bairro do Bom Retiro em São Paulo, tem 99% dos seus alunos, coreanos ou descendentes de coreanos.

Construído em 1999, com a ajuda do governo da Coreia e da colônia coreana no Brasil, apresenta um prédio moderno e bem equipado com laboratórios, sala de informática, biblioteca e está sendo concluído um moderno teatro para 600 pessoas. A escola oferece desde a educação infantil até o ensino médio e tem dois objetivos: primeiro, preservar a cultura coreana, segundo; preparar bem os seus alunos, por meio de uma grade curricular brasileira, de acordo com as exigências do Ministério da Educação e Cultura (MEC), lhes oferecendo condições educacionais, culturais e sociais para competirem com os outros, sem nenhum tipo de barreira ou preconceito (ARAÚJO, 2005, p. 39-40).

Sabe-se que esta escola bilíngue foi motivo de muito orgulho para a comunidade coreana, entretanto, com o passar dos anos, as dificuldades aumentaram para se manter os objetivos iniciais, ocasionando um lento distanciamento da cultura tradicional coreana que repercutiu na fluência da LP dos estudantes (SILVA, 2009). Numa pesquisa realizada “[...] entre jovens da Escola Polilogos, onde 99% são descendentes de coreanos, observou-se a preferência do idioma português em relação ao coreano” (SILVA, 2009 p. 91). Assim, este quadro apresentado pode ter levado a um dos motivos, entre outros, nos quais não cabe buscar retratar aqui, que resultaram na desativação da escola Polilogos no final do ano de 2016.

4.8 A crise de identidade e os conflitos entre gerações de imigrantes coreanos

Este tema foi abordado pelos autores a seguir: CHOI (1991), KANG (1993), KIM (1996), ROGANTI (2004), MARTA (2004), WON (2005), MONTEIRO (2011), YANG (2011) e BAE (2019).

Conceitos como identidade e *alteridade* são de grande importância para estudar os coreanos imigrantes. Todavia, tais conceitos devem ser analisados, em suma, de acordo com a história vivida pelo povo coreano. Uma das questões que foram levantadas por Bae (2019) foi a formação da identidade coreana instalada fortemente durante o processo de preservar sua etnia diante dos acontecimentos e transformações radicais no séc. XX.

O conceito de *alteridade* é definido como “[...] uma percepção do outro que extrapola simplesmente ter a consciência da existência do outro. É a noção de que todo indivíduo se relaciona e depende de outros indivíduos” (MONTEIRO, 2011, p. 32). Em meio ao colonialismo, divisão territorial e guerras, a existência da identidade coreana tornou-se nítida, que fazem de exemplo a própria bandeira da República da Coreia e o seu hino nacional, simbologias de pertencimento territorial e de identidade que perpassam sua história conturbada (BAE, 2019).

A palavra “nós”(우리), na primeira pessoa do plural, que os coreanos usam muitas vezes no lugar de “eu”, “[...] tem sido algo muito sólido que reflete a força unificadora do povo nos momentos de crise nacional [...]” (YANG, 2011, p.105). Portanto, esta identidade étnica trazida como herança pelos coreanos, veio a influenciar o conceito de os imigrantes coreanos serem “mais fechados”, do ponto de vista da comunidade brasileira.

O imigrante pode ser considerado um indivíduo que se separa de seu meio social de origem (KANG, 1993). Neste sentido, talvez o termo que melhor o descreva seja “[...] ‘*the uprooted*’, o desenraizado. O imigrante é, então, o desenraizado que se encontra dentro de uma rede social diferente, carregando consigo o sistema de valores da sociedade de origem, adquirido pela socialização” (KANG, 1993, p. 48). Assim, como sendo emigrante, ele “sofre profundas rupturas com suas raízes e vínculos socioculturais, e como imigrante, ele entra em confronto com diferentes sistemas de valores, ao qual se espera que se adapte” (MAEYAMA⁵⁷, 1973 apud KANG, 1993, p. 48-49).

⁵⁷ MAEYAMA, T. O antepassado, o imperador e o migrante: religião e identificação de grupo de japoneses no Brasil rural (1908-1950). In: SAITO, H. comp. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUSP, p. 414-447, 1973.

Portanto, com o passar dos anos, a relação entre gerações é perturbada pela diferença nas condições de vida da Coreia e do Brasil (CHOI, 1991).

As consequências do materialismo crescente entre os imigrantes, somado às diferenças de valorização, de pontos de vistas, de hábitos e de costumes, e mais as confusões emanadas nas tentativas de organizar e entender as distorções geradas pela fusão de culturas, têm influenciado muito os jovens e adolescentes em suas atitudes (CHOI, 1991, p. 143-144).

O conflito geracional de imigrantes coreanos pode ser visto nos seguintes âmbitos:

4.8.1 Família

Apesar de morarem juntos, não é raro se observar o distanciamento entre pais e filhos. À medida que os descendentes dos primeiros imigrantes entram em contato com a realidade brasileira, começam a questionar os valores orientais adotados e impostos por seus pais (MARTA, 2004).

Segundo Kang (1993, p. 90), “[...] os pais são vistos como representantes da ‘Coreia’, sendo seus pensamentos e atitudes como tipicamente coreanos. Daí, a educação deles é vista como inadequada para os filhos que vivem no Brasil”. “A maioria dos jovens relataram a dificuldade de conversar francamente com seus pais, o que é visto como fenômeno geral no meio coreano. Como principais causas, são citadas a barreira do idioma e a falta de tempo dos pais.” (KANG, 1993, p. 93).

“Porém, percebemos que os pais, mesmo ausentes, estão presentes na sua vida, orientando-o [os] e incentivando-o [os] de certa maneira [...]” (KANG, 1993, p. 96). “Ao mesmo tempo que desejam seu sucesso no ingresso na nova sociedade, controlam sua convivência com os do local para evitar um relacionamento mais pessoal e íntimo [com os brasileiros]” (KANG, 1993, p. 96). Portanto, mesmo com o desejo de “autorrealização” que seria visto pelo sucesso dos seus filhos, os pais falham no processo de integração à nova sociedade brasileira (KANG, 1993).

Apesar de atualmente haver uma certa aceitação para casamento interétnico, sempre existiu uma postura preferencial vista entre os imigrantes coreanos para o casamento endogâmico, sendo uma prática que nem sempre foi instruída sob uma política explícita dos pais (YANG, 2011). Foi muito natural para os entrevistados aceitar tal posicionamento dos pais, mostrando uma certa unanimidade uma vez que, o casamento é o envolvimento de duas famílias, e para os coreanos, a família é o símbolo da preservação da etnia e da identidade do grupo,

espaço onde abriga e preserva-se a língua, a culinária e outros costumes (KANG, 1993; YANG, 2011).

Um dos traços comuns dos filhos da primeira geração é que eles se tornaram adultos precocemente. Incumbidos de executarem serviços não condizentes com sua idade, como já afirmado anteriormente, amadureceram julgando que a responsabilidade pelo sustento da família não é apenas dos pais (WON, 2005).

Essas circunstâncias fortaleceram o laço familiar e induziram o espírito de independência nos filhos desde cedo, mas também não se pode contestar a sua influência negativa. As filhas da primeira geração tornaram-se extremamente realistas e materialistas, por não terem tido uma infância e a adolescência adequadas à sua idade (WON, 2005, p. 122).

Neste contexto, sempre existiam conflitos entre as mães e as filhas da primeira geração.

Todas as vezes que ela tinha de lidar com brasileiros para compra de tecido e aviamentos necessários para fabricar uma roupa e venda de mercadoria pronta, enfrentava muitas dificuldades devido aos pais que teimavam em fazer prevalecer a sua mentalidade coreana e, por isso, ela ficava estressada todos os dias (Relato de uma mulher da “geração 1.5”, em entrevista com 40 anos de idade – WON, 2005, p. 123).

Com o passar do tempo, as filhas da primeira geração que cresceram, passaram a ser mediadoras de conflitos entre duas gerações, avós (1.0) e netos (2.0).

A língua materna da avó é o coreano e a dos netos, o português, e a cultura dessas duas gerações são bem distintas. As avós querem contar aos netos a sua vida, histórias da família e a sabedoria de vida, porém, não conseguem se comunicar além do diálogo básico do cotidiano. Pela falta de diálogo, avó e neto não conseguem ter um relacionamento mais íntimo e não podem resolver os eventuais conflitos através de uma boa conversa: essa deve ser a tragédia que devem vivenciar pelo fato de serem imigrantes (WON, 2005, p. 118-119).

A autora Kim (1996) retrata a importância das telenovelas coreanas na construção identitária e seu papel educativo dentro da família. Nelas estão presentes costumes, comentários, mitos e até mesmo fragmentos do cotidiano, através dos quais organizam-se segundo os mesmos padrões culturais presentes em experiências reais, participando, assim, na construção da identidade étnica coreana no Brasil. Ao mesmo tempo, as novelas entram na mediação de conflitos, espelhando sua resolução, ajudando, assim, a reforçar o sentimento de pertencimento a uma mesma comunidade, a um “nós” comum.

Muitos entrevistados mencionam a intenção explícita dos produtores de programas na Coreia de conferir-lhes uma finalidade educativa. As novelas são importantes como “*educação viva*”. Prestam-se muito bem à transmissão de padrões morais coreanos [...] As situações de novelas criam momentos para a explicação desses padrões [...]

“Como coreanos não são brasileiros”, deve-se “fazer os filhos assistir às novelas para transmitir coisas que não são possíveis de passar com as palavras, no dia a dia” (KIM, 1996, p. 63).

4.8.2 Arte marcial (*Taekwondo*)

Apesar da imigração coreana e a imigração de mestres de *Taekwondo* (TKD) coreanos para o Brasil serem diferentes, no que tangem aos seus objetivos, ambos compartilham das mesmas adversidades ao tentarem se adaptar ao novo país, enfrentando dificuldades financeiras e acima de tudo culturais (MARTA, 2004).

O TKD, por se tratar de uma arte marcial embasada em filosofias orientais, foi trazido pelos mestres da Coreia, ditos da 1ª geração do Brasil. Entretanto, com o passar do tempo, viu-se a perda parcial dos valores espirituais e as tradições orientais pelos mestres da próxima geração (MARTA, 2004).

Segundo Marta (2004), os mestres da “geração 1.5” tinham melhor domínio do português, o que facilitava a transição nos dois espaços culturais, sendo mais aptos a assumirem os cargos. Entretanto, por serem mais influenciados pela cultura brasileira, facilitaram o processo de esportivização do TKD no país. Assim, este processo levou à valorização excessiva dos aspectos referentes à competição, tornando a qualidade dos golpes menos importante, assim como; mudanças no sistema de graduação de faixas, entre outros aspectos distintos.

Passados mais de vinte anos de introdução do TKD no Brasil, os primeiros mestres envelheceram e não se submeteram a novos exames de graduação na Coreia do Sul, o que teve como uma das consequências, a distribuição de títulos de mestre em um curto tempo, provocando a dificuldade de diferenciar os mestres que tem mais de 20 anos de experiência, dos mestres que recém chegaram na faixa preta, há mais ou menos 5 anos (MARTA, 2004).

4.8.3 Organização Social (ABC)

Como uma das mais importantes organizações sociais, a ABC tem criado vários projetos para a comunidade coreana, os quais mostram a história da Coreia e a trajetória de seus imigrantes, visando preservar a cultura coreana e dinamizar a relação entre os coreanos e não coreanos (ROGANTI, 2004).

Entretanto, um cenário de adversidades tem se apresentado com o passar dos anos.

A maior dificuldade para este projeto é em relação aos que não se identificam com o trabalho ou mesmo já estejam inseridos de tal forma na sociedade brasileira que acham desnecessário ser ou fazer parte da cultura coreana, pois muitos não sabem falar o coreano, já esqueceram e acreditam que esse não saber seja algo bom, que marque uma evolução [...]” (ROGANTI, 2004, p. 80).

De acordo com Roganti (2004), neste ambiente, as atividades comunitárias se tornaram concorrentes da ABC e tais disputas criavam atritos e conflitos. Assim, os líderes que geralmente não falavam o português, acabavam impondo ainda mais os conceitos do confucionismo de respeito aos mais velhos. “Isto criou conflitos também com os mais jovens que não aceitavam a imposição.” (ROGANTI, 2004, p. 82).

A “geração 1.5” que viveu uma crise de identidade por transitarem em dois mundos, desejava líderes que tivessem uma “visão mais aberta” diante do processo de socialização vivido dentro da comunidade brasileira. Com o passar do tempo, a ABC tem sofrido modificações em relação a sua representatividade na comunidade coreana. Os imigrantes não precisam necessariamente da ABC para ter uma vida sociocultural ativa, podendo participar de outras instituições que estão mais aparelhadas e que oferecem de certa forma mais opções (ROGANTI, 2004).

Conclui-se que nas reivindicações das chamadas gerações “1.0” “1.5” e “2.0” estão implícitas as disputas entre maneiras de pensar e interagir com a realidade, o choque entre mundos completamente distintos em sua moral, língua e tradições (MARTA, 2004).

4.9 A importância da língua coreana e os desafios enfrentados na aprendizagem do português pelos imigrantes coreanos

Este tema foi abordado pelos autores a seguir: CHOI (1991), CHOI (1996a), KANG (1993), LIM (2009), SAKAGUCHI (2010), HONG (2010).

A história dos imigrantes coreanos no Brasil teve uma trajetória árdua e atribulada que se seguiu desde os anos iniciais. Hong (2010) registra um relato de uma senhora, na época criança, que enfrentou intensa hostilidade porque conversava com sua mãe em coreano quando sua mobília era colocada no caminhão. Por elas não saberem falar português, foram mal interpretadas e cobradas mesmo assim.

A questão da língua sempre foi um dos principais problemas para a 1ª geração de imigrantes coreanos. Em Lim (2009) é possível detectar como exemplo as dificuldades enfrentadas pelos missionários ao chegaram no país.

Posso afirmar que a barreira mais sensível com que um missionário se depara quando chega ao local da missão, é a linguagem. Em geral, mesmo que se prepare e estude a língua do país já desde a Coreia, chegando ao local da missão, a barreira da linguagem o espera (LIM, 2009, p. 69).

De acordo com os trabalhos de Choi (1996a), a qual buscou fazer um levantamento e descrição dos possíveis problemas que um falante coreano teria na produção do português, afirma que a dificuldade de comunicação com os brasileiros tende a aumentar conforme aumenta a idade do imigrante.

Além do mais, outra observação feita pela autora foi que a grande maioria dos membros da comunidade de pesquisa na época, sentia mais conforto fazendo uso da língua coreana na leitura de jornais, assistindo aos vídeos na língua coreana e participando de atividades sociais que envolvem pessoas de sua nacionalidade. Sendo assim, estes se encaixam na categoria de “[...] *bilíngues funcionais*, ou seja, que usam o Português somente em situações de grande necessidade, tais como as atividades de trabalho, que são basicamente relacionadas ao comércio” (CHOI, 1996a, p. 111).

Assim, os filhos de imigrantes frequentam mais atividades sociais de brasileiros do que os pais da 1ª geração. Todavia, para os imigrantes, não era apenas importante o aprendizado da LP de seus filhos, mas havia também um grande interesse pelo idioma coreano. “Podemos perceber que o domínio da linguagem coreana transmite ao indivíduo as relações de respeito à hierarquia mais alta, e a utilização correta dos termos, por qualquer pessoa, a torna um partícipe da cultura.” (CHOI, 1991, p. 150).

Sendo assim, os pais da primeira geração continuaram a se esforçar para ensinar a língua coreana aos seus filhos:

[...] todos os sábados, pela manhã, cerca de 1.300 crianças saem de casa para aprender a escrita coreana, e geralmente vão às escolas mantidas pelas entidades religiosas, exceto a Escola Coreana de São Paulo, fundada em 7 de maio de 1983 por ex-alunos da Universidade Han Yang, recebendo 550 crianças⁵⁸ (CHOI, 1991, p. 149).

De acordo com Kang (1993), apesar das diferentes situações, os jovens entrevistados da “geração 1.5”, preservaram o conhecimento da sua Língua Materna (doravante LM) por causa da convivência com outros coreanos e, em especial, com os pais, que não dominam bem o português, mostrando o papel fundamental da LM no processo de socialização dos imigrantes.

⁵⁸ Nota-se que esta referência foi tirada das pesquisas de Choi (1991), na época em que ela estava elaborando sua dissertação de mestrado.

Sendo assim, verificou-se que, a manutenção do idioma original se mostra importante para definir ou preservar “o ser coreano” nos imigrantes.

Por ser uma imigração recente no Brasil, comparada com outras etnias, ainda pouco se sabe sobre os desafios e superações vividos pelos filhos dos imigrantes coreanos.

“Eu sempre fui estudiosa, e de repente eu cheguei no Brasil. Tudo é bem parecido, mas para alguém que acabou de chegar, mesmo sendo parecido, não dá pra entender. Ia para sala de aula, ficava assim toda manhã, e eu não entendia nada. Ficava olhando a pessoa falar, sem entender nada. Assim, ia pra casa quase uma semana inteira. [...] Na primeira semana, eu entendia nada. Você está entendendo? [...] Comecei a entender um pouco, pelo menos como funcionava a escola, passei a entender melhor. Na primeira semana, tinha que voltar pra casa e fazer lição. Não conseguia fazer nada e chorava toda tarde. Durante uma semana, eu chorei todas as tardes.” (Depoimento de Yung – KANG, 1993, p. 62).

A falta de apoio frente ao aprendizado do português, e a ausência de alguém a quem possa recorrer, não é uma realidade vista tão distante ao realizar um estudo dos trabalhos de Sakaguchi (2010) com o ensino da LP para um grupo de crianças de 7 a 10 anos, recém-chegadas da Coreia do Sul.

A autora, com suas pesquisas em sala de aula, deparou-se com “alunos copiadores” (condição dada pelo método tradicional de ensino), crianças com medo de escrever, com dificuldades de compreender os conteúdos abstratos decorrentes das barreiras linguísticas, com dificuldades de comunicação e uma acentuada baixa estima. Neste cenário, em especial para os alunos coreanos, o ato de “cometer erros” possuía o agravante de delatar sua falta de empenho e dedicação no seus estudos, uma vez que os coreanos prezam a educação como valor cultural muito significativo (SAKAGUCHI, 2010).

Sendo assim, para a pesquisa da autora, o papel do professor que compreende os aspectos culturais dos alunos, mostrou-se fundamental para reverter este quadro desfavorável, tornando-se um verdadeiro apoiador e entendedor da real situação deles. Em conjunto a isso, o processo de alfabetizar letrando direcionou “[...] nossos olhares para incontáveis aspectos que perpassam a realidade bilíngue, habitualmente negligenciados nas práticas escolares e cruciais para que obtivéssemos os resultados aqui apresentados” (SAKAGUCHI, 2010, p. 141).

Ao proporcionarmos um refúgio linguístico-cultural, ponderando o *background* dos alunos, o sentimento de desconfiança e inferioridade dos alunos foi se dissipando e, ao validarmos o uso da LM, restituímos a dignidade que lhes foi usurpada. Com isso, as aulas de apoio fomentaram a concepção de que o aprendizado da LP se somaria ao inestimável conhecimento da LM (SAKAGUCHI, 2010, p. 142).

Em conclusão, apesar das adversidades enfrentadas pelos imigrantes coreanos, o aprendizado e a prática da língua coreana é um fator importante para manter a sua identidade étnica, chegando até mesmo a despertar muito interesse na comunidade brasileira atualmente.

4.10 A saúde e o bem-estar social dos imigrantes coreanos

Este tema foi abordado pelos autores a seguir: KANG (2006), HONG (2010), MONTEIRO (2011), YANG (2011), CHI (2016) e LEITE (2020).

O imigrante sai do seu país por várias razões: crises econômicas, questões religiosas, perseguição política, instabilidade social etc.; a saída não representa apenas uma mudança geográfica. Ela implica numa série de mudanças sociopsicológicas, culturais e econômicas na vida do migrante (KANG, 2006, p. 2).

Percebe-se que a saúde mental também é influenciada pelos fatores referentes à imigração. Os estudos pioneiros feitos por Kang (2006) a respeito da saúde mental dos imigrantes, revelou uma frequência de transtornos psiquiátricos (ligados ao humor, ansiedade, alimentação etc.) mais alta que a prevalência encontrada na população da Coreia do Sul e próxima da população brasileira.

Apesar de se ter alguma ideia sobre a situação, o estudo da saúde mental dos coreanos é um tema amplo que precisa ser aprofundado, pois o processo em si da imigração é complexo, englobando uma grande variedade de fatores socioculturais e individuais (KANG, 2006). Uma das formas de saber a situação da saúde geral dos imigrantes coreanos é analisar o perfil de idosos, a exemplo dos trabalhos pioneiros de Hong (2010) nesta área. Embora as suas pesquisas tenham um caráter quantitativo, foram de vital importância para contribuir com melhores políticas sociais, educacionais, informativas e inclusivas que promovam um melhor envelhecer e bem-estar social da comunidade coreana.

Pelos estudos etnográficos apresentados por Chi (2016), a colônia coreana mostrou maior representatividade no bairro do Bom Retiro, e isto não deve-se à predominância numérica ou a uma exclusiva localização do grupo nela, mas sim de sua identidade étnica expressa pela sua visibilidade entre os enclaves étnicos presentes no bairro, conforme a força das relações coétnicas existentes.

À medida que a comunidade coreana foi se estruturando dentro do conceito de enclave étnico no Bom Retiro, uma concentração residencial, principalmente composta pela terceira idade, foi se formando. Isto não deve-se apenas aos estabelecimentos de comércio e serviços destinado à colônia, mas também pelos “[...] locais de congregação dos coétnicos onde

atividades coletivas são promovidas em torno do lazer, da religião, da cultura e da educação, fortalecendo os laços sociais entre os membros da colônia” (CHI, 2016, p. 150).

Monteiro (2011, p. 98) afirma que “[...] muitos coreanos estão retornando a residir no Bom Retiro, principalmente aqueles com mais idade, pela facilidade de contato e acesso à comunidade”. Sobre o perfil de um grupo de idosos coreanos (imigrantes), Hong (2010) afirma que muitos deles

[...] mudam-se para o bairro do Bom Retiro com o avançar da idade. Trata-se de lugar repleto de comércio típico, com produtos da Coreia, restaurantes coreanos, letreiros familiares, diversas igrejas protestantes, de várias denominações, uma igreja católica. No bairro, além da facilidade da comunicação para as compras, há vida social. A sensação de pertencimento é bastante forte. Há a facilidade dos meios de transporte, como o metrô, que lhes proporciona autonomia e independência para o ir e vir, sem “perturbar” os filhos, porque compreendem que estes têm sua vida e família (HONG, 2010, p. 70).

Os projetos pontuais de modernização do Bom Retiro são outros aspectos que se destacam como medidas em prol do bem-estar social dos imigrantes. Em especial para os coreanos, têm-se como exemplos a inauguração do monumento *URI*⁵⁹ em agosto de 2018 e duas leis municipais aprovadas: a *Lei 14.485, 2007* que inclui no calendário de eventos da cidade de São Paulo o “Evento Arte Musical *K-pop*”, e a *Lei 15.110, 2010* que institui o bairro do Bom Retiro como “Polo Cultural das Tradições Coreanas”; gerando uma grande satisfação à comunidade e fortalecendo ainda mais a *coreanidade* dentro deste bairro multiétnico (LEITE, 2020).

⁵⁹ O Monumento URI (que significa “nós” em coreano), foi uma ideia inspirada em uma tradição coreana antiga, onde na entrada de vilarejos havia totens de madeira que simbolizavam proteção. O formato do rosto tem as letras do alfabeto coreano com as iniciais do Brasil e da Coreia (LEITE, 2020, p. 39).

CAPÍTULO 5. QUESTÕES & PROBLEMÁTICAS

A pesquisa bibliográfica de dissertações e teses sobre a imigração coreana tem trazido certas reflexões, principalmente, decorrentes das intersecções de temas e aprofundamento de certas questões concernentes à atualidade.

Em primeiro lugar, o levantamento bibliográfico apresentado levou a retratar basicamente a comunidade coreana de São Paulo. Entretanto, existem concentrações de coreanos, ainda que em escala bem menor, vivendo em outras localidades do Brasil. Futuros estudos referentes a estas localidades tornariam possível uma visão mais ampla e recente das comunidades coreanas no Brasil, como as pesquisas a respeito da presença coreana em Cumbuco (no município de Caucaia - CE) e outras localidades do estado, desenvolvidas pela UFCE⁶⁰, devido à instalação de conglomerados industriais coreanos na região. Por ser de permanência temporária, a vinda desses trabalhadores coreanos não faz parte do processo habitual da imigração no país, contudo, mostra-se importante para o entendimento desta visão mais ampla.

Em segundo lugar, dada a importância da educação como valor cultural e a língua como preservação da identidade dos coreanos, estas são grandes preocupações para aqueles que também vivem no Brasil. Apesar do bilinguismo ainda estar longe de ser registrado na comunidade coreana, um grande passo foi dado no ano de 1999, com a inauguração da escola Polilogos. Considerado um marco na educação para os filhos e descendentes de coreanos, teve seu triste fim com o encerramento das atividades em dezembro de 2016. A escola Polilogos sempre foi um campo propício de pesquisa sobre a vida dos imigrantes no país, como citado por Araújo (2005), Silva (2009), Sakaguchi (2010) e, eventualmente, também para pesquisadores outros. Portanto, apesar da presença de creches, escolas e instituições de ensino da língua coreana no Brasil, é importante conhecer e saber de qual maneira, desde então, são obtidos os dados educacionais da comunidade coreana, uma vez que o Polilogos era uma referência na área, além de entender mais a fundo quais foram os empecilhos que impossibilitaram a continuidade desta escola bilíngue.

Um ponto interessante a ressaltar é que o envelhecimento não é uma realidade distante, porém, se faz presente cada vez mais nas regiões urbanas brasileiras. Os imigrantes não fazem exceção. Neste momento de grandes transformações, com o agravante das diferenças culturais e da língua, assim como o processo de urbanização, a mulher coreana requer uma atenção

⁶⁰ Universidade Federal do Ceará.

especial e cuidados redobrados na chegada da terceira idade. Para isso, criar uma ponte entre gerações onde os mais jovens aprendem com os idosos, proporcionando a transmissão de valores culturais, deve ser levado em consideração, a fim de criar um melhor ambiente social de convivência (HONG, 2010).

No entanto, de acordo com Silva (2009), pode-se perceber a formação de gerações de jovens imigrantes, os quais, apesar de ter a relação familiar ainda forte, têm apresentado um lento distanciamento da cultura tradicional com o passar do tempo. Sendo assim, em terceiro lugar, um diálogo que pode ser estabelecido é a atual postura da juventude coreana, em geral, diante do choque de desintegração dos seus valores tradicionais e como isso influenciará na formação de um melhor ambiente que garanta um bem-estar social e melhor qualidade de vida dos idosos imigrantes no país.

Em quarto lugar, outro aspecto que se destaca é a atual identidade dos descendentes coreanos, que foi fortemente impactada com o advento dos meios digitais, a partir da década de 90. Enquanto o Brasil passava por profundas transformações geradas pela crise, a Coreia do Sul crescia a passos largos com o seu desenvolvimento econômico e tecnológico. Esta nova geração de coreanos, passou a ter maior facilidade de acesso à produtos coreanos como música, filmes e novelas coreanas, o que facilitou o aprendizado da língua coreana e a sua identificação com a Coreia, mesmo tendo nascido no Brasil. Entretanto, a Coreia do Sul tem sofrido forte influência dos valores ocidentais, o que levou a transformações socioculturais não vividas por essa nova geração, em adição ao contato com os valores e costumes da sociedade brasileira. Tudo isso constitui um quadro complexo a ser estudado e levado em consideração.

Por último, pode se observar um fenômeno recente de esvaziamento dos coreanos no bairro do Bom Retiro, em decorrência, principalmente, da crise de 2014, assim como no contexto da pandemia da Covid-19. Coreanos têm retornado ao seu país de origem, em especial idosos, seja por nostalgia – no caso de famílias abastadas –, seja por necessidade – no caso de famílias pobres, de olho no auxílio governamental coreano a idosos, e mães com crianças, em busca da educação gratuita universal de altíssima qualidade até o ensino médio. Sendo assim, neste novo cenário, muitas novas perspectivas de estudos e pesquisas podem ser esperadas nos próximos anos.

CONCLUSÃO

A pesquisa bibliográfica de dissertações e teses acadêmicas sobre a imigração coreana produzidas em português, tem mostrado o quão bem o assunto está inserido nas diversas áreas de especialização. Uma análise descritiva delas identificou temas em comum, abordados pelos autores.

Os dados de pesquisa destas obras de conteúdo riquíssimo, deram grandes contribuições à comunidade coreana. Apesar de não ter total conhecimento de suas áreas de atuação, trouxe um espaço onde os autores pudessem dialogar determinado tema em comum, onde pude identificar perspectivas iguais, complementares ou até mesmo diferentes entre si.

Este diálogo trouxe novas reflexões e problemáticas a respeito da comunidade coreana, assim como uma ideia mais completa a respeito da sua imigração para o Brasil. Sendo assim, é de humilde anseio que estas possam se integrar à novas pesquisas futuras na área.

Além disso, este levantamento bibliográfico possibilitou identificar a maior parte das dissertações e teses sobre a imigração coreana, dando melhor conhecimento aos locais de acesso físico e digital, e contribuindo para sua melhor divulgação no meio acadêmico. Por último, venho por meio deste trabalho, realizar uma singela contribuição para a difusão da história e da cultura coreana no Brasil.

REFERÊNCIAS

Bibliografia geral

ANTONIO, Bruna Mineo; ARAÚJO, José Renato de Campos. A diáspora coreana: o caso brasileiro. **Confins -Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, São Paulo, n. 39, 2019.

ARAÚJO, Edson Isaac Santos. **Os missionários protestantes Coreanos na periferia da grande São Paulo (Cumbica):** um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.

BAE, Ester. **Uma nova face da imigração:** um estudo dos expatriados Sul Coreanos e sua inserção social em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

CDL – CÂMARA DE DIRIGENTES LOJISTAS. **História**. São Paulo, [s/d]. Disponível em: <<http://www.bomretironamoda.com.br/historia>>.

FGV – FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Café e Indústria**. São Paulo, [s/d]. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CafeEIndustria>>. Acesso em: 14 out.2020.

CHI, Jung Yun. **O Bom Retiro dos coreanos:** descrição de um enclave étnico. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

CHOI, Keum Joa. A imigração coreana para o Brasil: no contexto de globalização da economia. **Revista Emigração e Imigração Internacionais no Brasil**, Contemporâneo, Campinas, Unicamp, out.1996.

_____. **Além do arco-íris:** a imigração coreana no Brasil. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

_____. **Aspectos fonético-fonológicos do português falado por coreanos:** evidências de transferências/interferências da língua materna na segunda língua. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996a.

_____. Imigração coreana na cidade de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 40, p. 233-238, 1996b. Disponível em: <<http://www.-revistas.usp.br/rieb/article/view/73166>>. Acesso em: 14 jun.2020.

_____. O papel da Igreja dentro da comunidade coreana no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Vozes, Rio de Janeiro, v.55, n. 219, p. 657-664, set.1995.

CHUN, D.M. **Kingdom Centered Identity of Korean** – Brazilian Bicultural People, 2001.

DINIZ, Pedro. Bom Retiro numa boa. **Folha de São Paulo**. Revista São Paulo, São Paulo, 01-07 abr.2012.

Enciclopédia de Línguas no Brasil. **Coreanos no Brasil**. Campinas. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/elb/asiaticas/leiamais_coreano.html>. Acesso em: 24 agost.2020.

GUIMARÃES, Lytton Leite. Korean Studies in Brazil: the state of the art. In: Korea, Northeast Asia, and Latin America: Issues in Forging Relationships - Annual Meeting of Association for Asian Studies, Session 172, 26-29 mar. 2009, Chicago. **Anais**.

HONG, Hee Jeung. **Imigração e envelhecimento em São Paulo**: perfil de um grupo de idosos coreanos. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

KANG, Sam. **Estudo transversal sobre a saúde mental de imigrantes coreanos em São Paulo**. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Federal de São Paulo / Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 2006.

KANG, Sam. **Socialização de jovens imigrantes coreanos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

KIM, Hyung Mi. **Han-guk yonsok-kuk: nas salas de vídeo, uma janela para a Coreia** - etnografia do conteúdo simbólico das novelas coreanas. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

KOREAPOST. **Adeus, Colégio Polilogos!** São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.koreapost.com.br/colunas/adeus-colegio-polilogos/>>. Acesso em: 18 set.2020.

LIM, Daniel Hyun Cho. **Contribuição sociorreligiosa de missionários sulcoreanos na cidade de Jandira-SP**: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

LEITE, Eanne Palacio. **Mobilidades e turismo urbano**: estudo sobre o legado étnico da comunidade coreana no Bom Retiro (São Paulo / Brasil). Dissertação (Mestrado em Ciências), – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

LIVROS GRÁTIS. **Imigração coreana e protestantismo no Brasil**: diálogo entre identidade religiosa e identidade étnica. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp-132828.pdf>>. Acesso em: 13 mar.2020.

MAEYAMA, T. O antepassado, o imperador e o migrante: religião e identificação de grupo de japoneses no Brasil rural (1908-1950). In: SAITO, H. comp. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUSP, p. 414-447, 1973.

MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **O caminho dos pés e das mãos: Taekwondo**. Arte marcial, esporte e a colônia coreana em São Paulo (1970-2000). Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

MASIERO, Gilmar. **Relações políticas e econômicas entre o Brasil e a Coreia do Sul**. São Paulo, 1999. Disponível em: <<http://www.asiayargentina.com/usp-04.htm>>. Acesso em: 02 set.2020.

METRÔ – COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO. **EIA-RIMA – Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental**. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.metro.sp.gov.br/metro/licenciamento-ambiental/pdf/linha_18_bronze/eia/volume-iii/Arquivo-20.pdf>. Acesso em: 15 de out.2020.

MINISTÉRIO DA CULTURA, ESPORTE E TURISMO DA COREIA DO SUL. **Status religioso na Coreia em 2018**. Sejong-si, 2018 (em coreano). Disponível em: <https://www.mcst.go.kr/kor/s_policy/dept/deptView.jsp?pSeq=1731&pDataCD=04060000000&pType=03>. Acesso em: 05 out. 2020.

MONTEIRO, Rafael Galvão. **Imigração coreana e patrimônio cultural no Bom Retiro/SP**. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2011.

NEGAWA, Sachio. **Formação e transformação do bairro oriental**: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915 - 2000. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

Onda Coreana. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. (São Francisco, CA: Fundação Wikimedia), 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Onda_coreana>. Acesso em: 05 nov.2020.

PARK, Hee Jin. **Nobody remembers the losers: The history of Korean agricultural emigration to South America**. Dissertation of Doctorate Degree – The Australian National University, Canberra, 2013.

PARK, Kyeyoung. **The Korean American dream**: immigrants and small business in New York City. Ithaca: Cornell University Press, 1997.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. **Imigração e envelhecimento em São Paulo**: perfil de um grupo de idosos coreanos. São Paulo. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12372>>. Acesso em: 05 mar.2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. **Uma nova face da imigração**: um estudo dos expatriados Sul coreanos e sua inserção social em São Paulo. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22437>>. Acesso em: 13 mar.2020.

Relações entre Brasil e Coreia do Sul. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. (São Francisco, CA: Fundação Wikimedia), 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Relações_entre_Brasil_e_Coreia_do_Sul>. Acesso em: 08 out.2020.

ROGANTI, Margareth Ap. **A imigração coreana: o processo de fixação e ascensão social dos imigrantes e descendentes no bairro do Bom Retiro**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.

SAKAGUCHI, Noemia Fumi. **Alfabetizar letrando em português como língua estrangeira: as histórias não contadas por um grupo de crianças coreanas**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SANTOS, Márcio Pereira. **O Bom Retiro: uma paisagem paulistana**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SÃO PAULO (Município). Lei n. 14.485/2007 de 19 de julho de 2007. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/nwqek>>. Acesso em: 30 set.2020.

SÃO PAULO (Município). Lei n. 15.110/2010 de 06 de janeiro de 2010. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/dcfkt>>. Acesso em: 30 set.2020.

SINDIVESTUÁRIO. **Coleção de inverno encalha e lojas fecham as portas no Bom Retiro**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://sindivestuario.org.br>>.

SILVA, Henry Marcelo Martins. Café, imigração e urbanização no interior paulista. **Fatos & Versões - Revista de História**, Coxim, v. 5, n. 9, 2003. Disponível em: <<https://periodic-os.ufms.br/index.php/fatver/article/view/1324>>. Acesso em: 14 set.2020.

SILVA, Silvania Maria Portela. **Imigração coreana e protestantismo no Brasil: diálogo entre identidade religiosa e identidade étnica**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

THE ASSOCIATION OF KOREAN HISTORY TEACHERS. **A Korean History For International Readers: What do koreans talk about their own history and culture?** Seul: Humanist Publishing Group Inc. 2010.

TRUZZI; NETO, Mário Sacomano. Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, FGV- EAESP, vol. 47, nº 2, p. 37-48, 2007.

TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 27, p. 143-166, 2001. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2144>>. Acesso em: 09 jul.2020.

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI. Publicações em Periódicos. **Imigração coreana e patrimônio cultural no Bom Retiro/SP**. Disponível em: <<http://periodicos.anhembi.br/arquivos/trabalhos001/408751.pdf>>. Acesso em: 13 mar.2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. **A "geração 1.5" dos imigrantes coreanos em São Paulo: identidade, alteridade e educação**. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-083935/pt-br.php>>. Acesso em: 12 mar.2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. **Bom Retiro: imagens, culturas e identidades**. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-09032017-142226/pt-br.php>>. Acesso em: 12 mar.2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. **Mobilidades e turismo urbano: estudo sobre o legado étnico da comunidade coreana no Bom Retiro (São Paulo / Brasil)**. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100140/tde-27012020-173735/pt-br.php>>. Acesso em: 22 abril.2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. **O Bom Retiro dos coreanos: descrição de um enclave étnico**. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-05092016-133007/pt-br.php>>. Acesso em: 11 mar.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Repositório da Produção Científica e Intelectual. **Alfabetizar letrando em português como língua estrangeira: as estórias não contadas por um grupo de crianças coreanas**. Disponível em: <<http://repositorio.unica-br.jpui/handle/REPOSIP/269808>>. Acesso em: 13 mar.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Repositório Institucional. **Estudo transversal sobre a saúde mental de imigrantes coreanos em São Paulo**. Disponível em: <<http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/21229>>. Acesso em: 19 maio.2020.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. **Contribuição sociorreligiosa de missionários sulcoreanos na cidade de Jandira-SP: um estudo de caso**. São Paulo. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2667>>. Acesso em: 13 mar.2020.

VIGGIANI JÚNIOR, Edson. **Bom Retiro: imagens, culturas e identidades**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

WON, Sung Sun. **As mulheres coreanas na Coreia e no Brasil: as mudanças de seu papel com a imigração para o Brasil e suas implicações para o aconselhamento**. Dissertação (Mestre em Teologia) – Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper / Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.

YANG, Eun Mi. **A "geração 1.5" dos imigrantes coreanos em São Paulo: identidade, alteridade e educação**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Bancos de dados eletrônicos

BIELEFELD UNIVERSITY. **Bielefeld Academic Search Engine**. Bielefeld. Disponível em: <<https://www.base-search.net>>. Acesso em: 11 mar.2020.

CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Brasília. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br>>. Acesso em: 11 mar.2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. Brasília. Disponível em: <<https://bdtd.ibict.br>>. Acesso em: 11 mar.2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Portal Brasileiro de Publicações Científicas em Acesso Aberto**. Brasília. Disponível em: <<http://oasisbr.ibict.br>>. Acesso em: 30 abr.2020.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Repositório Digital**. São Paulo. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/>>. Acesso em: 24 out.2020.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Sistema de Bibliotecas**. São Paulo. Disponível em: <<https://sistema.bibliotecas.fgv.br>>. Acesso em: 24 out.2020.

OATD. **Open Access Theses and Dissertations**. Disponível em: <<https://oatd.org>>. Acesso em: 06 out.2020.

PROQUEST LLC. **PQDTOPEN-Open Access Dissertations and Theses**. Michigan. Disponível em: <<https://pqdtopen.proquest.com/search.html>>. Acesso em: 23 out.2020.

PROQUEST LLC. **ProQuest-Dissertations & Theses Global**. Michigan. Disponível em: <<https://search.proquest.com>>. Acesso em: 23 out.2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. **Sistema de Bibliotecas e Informação (SBI)**. Campinas. Disponível em: <<https://www.puc-campinas.edu.br/biblioteca>>. Acesso em: 24 out.2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. Campinas. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.puccampinas.edu.br/tde_busca/index.php>. Acesso em: 24 out.2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. **Sistema de Bibliotecas (SIB)**. Goiânia. Disponível em: <<http://pergamum.pucgoias.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php>>. Acesso em 24 out.2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. **Repositório Institucional**. Goiânia. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080>>. Acesso em: 24 out.2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. **Biblioteca Digital**. Belo Horizonte. Disponível em: <<https://web.sistemas.pucminas.br/BDP/PUC%20Minas>>. Acesso em: 24 out.2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. **Biblioteca Online**. Curitiba. Disponível em: <<https://www.pucpr.br/biblioteca>>. Acesso em: 24 out.2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. **Biblioteca Central Irmão José Otão**. Porto Alegre. Disponível em: <<https://biblioteca.pucrs.br>>. Acesso em: 24 out.2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. **Repositório Institucional**. Porto Alegre. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/>>. Acesso em: 24 out.2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Divisão de Bibliotecas e Documentação**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.dbd.puc-rio.br/sitenovo/>>. Acesso em: 25 out.2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Teses e Dissertações Eletrônicas**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br>>. Acesso em: 18 out.2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. **Lumen - Acervo das Bibliotecas**. São Paulo. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/biblioteca>>. Acesso em: 05 mar.2020.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. São Paulo. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br>>. Acesso em: 05 mar.2020.

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI. **Biblioteca**. São Paulo. Disponível em: <<https://portal.anhembi.br/biblioteca>>. Acesso em: 13 mar.2020.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente**. Brasília. Disponível em: <<https://bdm.unb.br>>. Acesso em: 12 jun.2020.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Repositório Institucional**. Brasília. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br>>. Acesso em: 12 jun.2020.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Biblioteca Central**. Brasília. Disponível em: <<https://bce.unb.br>>. Acesso em: 12 jun.2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br>>. Acesso em: 11 mar.2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Biblioteca Digital de Trabalhos Acadêmicos**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.tcc.sc.usp.br>>. Acesso em: 28 mar.2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Dedalus - Banco de Dados Bibliográficos**. São Paulo. Disponível em: <<http://dedalus.usp.br>>. Acesso em: 11 mar.2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **FFLCH Trabalho Acadêmico**. São Paulo. Disponível em: <<http://trabalhoacademico.fflch.usp.br>>. Acesso em: 30 mar.2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Repositório da Produção**. São Paulo. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br>>. Acesso em: 11 mar.2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. Florianópolis. Disponível em: <<http://www.tede.udesc.br>>. Acesso em: 18 out.2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. Manaus. Disponível em: <<http://tede.uea.edu.br>>. Acesso em: 22 out.2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS. **Repositório Institucional**. Manaus. Disponível em: <<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br>>. Acesso em: 22 out.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Biblioteca Digital**. Campinas. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br>>. Acesso em: 13 mar.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Repositório da Produção Científica e Intelectual**. Campinas. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br>>. Acesso em: 13 mar.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Sistema de Bibliotecas**. Campinas. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/sbu/>>. Acesso em: 13 mar.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Biblioteca Digital**. Londrina. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Sistema de Bibliotecas**. Londrina. Disponível em: <<http://virtua.uel.br:8080/search/query?theme=uel>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. **Biblioteca Digital**. Maringá. Disponível em: <<http://nou-rau.uem.br/>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. **Repositório Institucional**. Maringá. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. **Sistema de Bibliotecas**. Maringá. Disponível em: <<http://biblioteca.sophia.com.br/7869/>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Acervo Digital**. São Paulo. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br>>. Acesso em: 13 mar.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Biblioteca da FCLAr**. Araraquara. Disponível em: <<https://www.fclar.unesp.br/#!/bib>>. Acesso em: 13 mar.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Biblioteca Digital**. São Paulo. Disponível em: <<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/>>. Acesso em: 13 mar.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Repositório Institucional**. São Paulo. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br>>. Acesso em: 13 mar.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. Ponta Grossa. Disponível em: <<https://tede2.uepg.br/jspui/>>. Acesso em: 18 out.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Repositório Institucional**. Disponível em: <<https://siduece.uece.br/siduece/>>. Fortaleza. Acesso em: 28 ago.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/index.php>. Acesso em: 18 out.2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. Cascavel. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Repositório Institucional**. Salvador. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Sistema Universitário de Bibliotecas - Catálogo Pergamum**. Salvador. Disponível em: <<http://www.pergamum.bib.ufba.br/pergamum/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. Dourados. Disponível em: <<http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/>>. Acesso em: 18 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Sistema Universitário de Bibliotecas - Catálogo Pergamum**. Maceió. Disponível em: <<http://pergamum.ufal.br/pergamum/biblioteca/>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Repositório Institucional**. Maceió. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. Alfenas. Disponível em: <<https://bdt.d.unifal-mg.edu.br:8443/>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS. **Sistema de Bibliotecas**. Alfenas. Disponível em: <<https://biblioweb.unifal-mg.edu.br/biblioweb/>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. Goiânia. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/>>. Acesso em: 01 set.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. **Sistema de Bibliotecas**. Lavras. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ufla.br/pergamum/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. **Repositório Institucional**. Lavras. Disponível em: <<http://repositorio.ufla.br>>. Acesso em: 18 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Atena - Repositório Institucional**. Recife. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufpe.br>>. Acesso em: 18 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Sistema Integrado de Bibliotecas SIB**. Recife. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ufpe.br/pergamum/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. **Repositório Institucional**. Porto Velho. Disponível em: <<http://ri.unir.br/jspui/>>. Acesso em: 20 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Repositório Institucional**. Florianópolis. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Repositório Institucional**. São Carlos. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br>>. Acesso em: 18 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. **Biblioteca**. São Paulo. Disponível em: <<https://biblioteca.unifesp.br/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 30 abr.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. **Repositório Institucional**. São Paulo. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br>>. Acesso em: 30 abr.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Biblioteca**. São Cristóvão. Disponível em: <<https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/pergamum/biblioteca/>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Repositório Institucional**. São Cristóvão. Disponível em: <<https://ri.ufs.br>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Repositório Institucional**. Cuiabá. Disponível em: <<https://ri.ufmt.br>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Dissertações e Teses**. Cuiabá. Disponível em: <<https://www1.ufmt.br/ufmt/un/secao/4362/ppge>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. Manaus. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br>>. Acesso em: 18 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Repositório Institucional**. Fortaleza. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/>>. Acesso em: 28 ago.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Sistema de Bibliotecas**. Fortaleza. Disponível em: <<https://pergamum.ufc.br/pergamum/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 28 ago.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Hórus-Repositório Institucional**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.repositoriob-c.unirio.br:8080/xmlui/>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Sistema de Bibliotecas**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://biblioteca.sophia.com.br/5782/>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Repositório Institucional**. Vitória. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br>>. Acesso em: 18 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Repositório Digital Institucional**. Curitiba. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/286>>. Acesso em: 12 jun.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Sistema de Bibliotecas**. Curitiba. Disponível em: <<http://acervo.ufpr.br>>. Acesso em: 12 jun.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. Belém. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2289>>. Acesso em: 22 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Repositório Institucional**. Belém. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/>>. Acesso em: 22 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Pantheon - Repositório Institucional**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/1>>. Acesso em: 12 jun.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Minerva - Sistema Integrado de Bibliotecas**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://minerva.ufrj.br>>. Acesso em: 12 jun.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO. **Biblioteca Digital**. Uberaba. Disponível em: <<http://bibli.uftm.edu.br>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Lume - Repositório Digital**. Porto Alegre. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br>>. Acesso em: 18 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Repositório Institucional**. Niterói. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Sistema de Bibliotecas**. Niterói. Disponível em: <<https://app.uff.br/pergamum/catalogo/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 23 out.2020.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. **Adelpha - Repositório Digital**. São Paulo. Disponível em: <<http://dspace.mackenzie.br>>. Acesso em: 13 mar.2020.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. **Biblioteca**. São Paulo. Disponível em: <<http://pergamum.mackenzie.br/biblioteca/index.php>>. Acesso em: 13 mar.2020.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. São Paulo. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/>>. Acesso em: 13 mar.2020.

VIRGINIA TECH. **Networked Digital Library of Theses and Dissertations**. Virginia. Disponível em: <<http://search.ndltd.org/>>. Acesso em: 30 abr.2020.

APÊNDICE A⁶¹ - Dissertações e teses relacionadas à imigração coreana produzidas em português

Nº	Autor	Título	Ano	Instituição de origem	UF	Tipo	Área	Acervo da biblioteca	Versão* digital
1	CHOI, Keum Joa	Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil.	1991	USP/FFLCH	SP	Mestrado	História Social	Biblioteca da FFLCH-Fac. Fi. Let. C. Humanas (TESE 000733592, 263p.)	Não
2	KANG, Sam	Socialização de jovens imigrantes coreanos.	1993	USP/Psicologia	SP	Mestrado	Psicologia Social	Biblioteca do IP-Instituto de Psicologia (TESE 000739257, 167p.)	Não
3	KIM, Hyung Mi	Han-guk yonsok-kuk: nas salas de vídeo, uma janela para a Coreia - etnografia do conteúdo simbólico das novelas coreanas.	1996	USP/FFLCH	SP	Mestrado	Antropologia Cultural e Social	Biblioteca da FFLCH-Fac. Fi. Let. C. Humanas (TESE 000746266, 142p.)	Não
4	CHOI, Keum Joa	Aspectos fonético-fonológicos do português falado por coreanos: evidências de transferências/interferências da língua materna na segunda língua.	1996	USP/FFLCH	SP	Doutorado	Semiótica e Linguística Geral	Biblioteca da FFLCH-Fac. Fi. Let. C. Humanas (TESE 000746234, 286p.)	Não
5	SANTOS, Márcio Pereira	O Bom Retiro: uma paisagem paulistana.	2000	USP/FFLCH	SP	Mestrado	Geografia Humana	Biblioteca da FFLCH-Fac. Fi. Let. C. Humanas (TESE 001102565, 142p.)	Não

Continua

⁶¹ Excepcionalmente esta tabela na direção horizontal do **APÊNDICE A**, foi formatada em tamanho 10, devido à presença de muitas informações.

6	NEGAWA, Sachio	Formação e transformação do bairro oriental: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915 - 2000.	2000	USP/FFLCH	SP	Mestrado	Sociologia Urbana	Biblioteca da FFLCH-Fac. Fi. Let. C. Humanas (TESE 001130496, 137p.)	Não
7	ROGANTI, Margareth Ap.	A imigração coreana: o processo de fixação e ascensão social dos imigrantes e descendentes no bairro do Bom Retiro.	2004	Unesp/Araraquara	SP	Mestrado	Sociologia	Biblioteca da Fac. C. e Letras - Araraquara (TESE 4239, 171 f.)	Não
8	MARTA, Felipe Eduardo Ferreira	O caminho dos pés e das mãos: Taekwondo. Arte marcial, esporte e a colônia coreana em São Paulo (1970-2000).	2004	PUC- SP	SP	Mestrado	História Social	Biblioteca-Campus Perdizes, Ipiranga e Consolação ⁶² (04 exemplares, 254 p.)	Não
9	ARAÚJO, Edson Isaac Santos	Os missionários protestantes Coreanos na periferia da grande São Paulo (Cumbica): um estudo de caso.	2005	Mackenzie	SP	Mestrado	Ciências das Religiões	Bib. Teologia - PósGrad - Maria Borba, 40(1) (DM/MACK BX9042.B66 A658m 2005, 142 p.)	Não
10	WON, Sung Sun	As mulheres coreanas na Coreia e no Brasil: as mudanças de seu papel com a imigração para o Brasil e suas implicações para o aconselhamento.	2005	Mackenzie	SP	Mestrado	Teologia/Aconselhamento	Bib. Teologia - PósGrad - Maria Borba, 40(1) (DM/CPAJ BV4012.2 W872m 2005, 169 p.)	Não
11	KANG, Sam	Estudo transversal sobre a saúde mental de imigrantes coreanos em São Paulo.	2006	Unifesp	SP	Doutorado	Psiquiatria e Psicologia Médica	Biblioteca São Paulo (9854, 130p.)	Sim

Continuação

⁶² Mais detalhes: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. **Lumen - Acervo das Bibliotecas. São Paulo**. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/biblioteca>>.

12	LIM, Daniel Hyun Cho	Contribuição sociorreligiosa de missionários sulcoreanos na cidade de Jandira-SP: um estudo de caso.	2009	Mackenzie	SP	Mestrado	Ciências da Religião	Bib. Teologia - PósGrad - Maria Borba, 40(1) (DM/MACK HQ734 L732c 2009, 168 p.)	Sim
13	SILVA, Silvana Maria Portela	Imigração coreana e protestantismo no Brasil: diálogo entre identidade religiosa e identidade étnica.	2009	Mackenzie	SP	Mestrado	Ciências da Religião	Bib. Teologia - PósGrad - Maria Borba, 40(1) (DM/MACK F2659.K65 S586i 2009, 143 p.)	Sim
14	HONG, Hee Jeung	Imigração e envelhecimento em São Paulo: perfil de um grupo de idosos coreanos.	2010	PUC-SP	SP	Mestrado	Gerontologia	Biblioteca - Campus Perdizes (100225019, 154p.)	Sim
15	SAKAGUCHI, Noemia Fumi	Alfabetizar letrando em português como língua estrangeira: as histórias não contadas por um grupo de crianças coreanas.	2010	Unicamp	SP	Mestrado	Linguística Aplicada	Biblioteca BCCL e IEL (unicamp.000770133, 157p.)	Sim
16	Monteiro, Rafael Galvão	Imigração coreana e patrimônio cultural no Bom Retiro/SP.	2011	Univ. Anhembi Morumbi	SP	Mestrado	Hospitalidade	Biblioteca Vila Olímpia (408751, 150f.)	Sim
17	YANG, Eun Mi	A "geração 1.5" dos imigrantes coreanos em São Paulo: identidade, alteridade e educação.	2011	USP/ FE	SP	Doutorado	Cultura, Educação e Organização	Biblioteca da FE- Faculdade de Educação (TESE 002193450, 489p.)	Sim
18	CHI, Jung Yun	O Bom Retiro dos coreanos: descrição de um enclave étnico.	2016	USP/ FAU	SP	Mestrado	Paisagem e Ambiente	Biblioteca da FAU-Fac. Arq. Urbanismo-PósGr (TESE 002776063, 246p.)	Sim
19	VIGGIANI JÚNIOR, Edson	Bom Retiro: imagens, culturas e identidades.	2016	USP/ ECA	SP	Mestrado	Teoria e Pesquisa em Comunicação	Biblioteca da ECA-Esc. Comunicações e Arte (TESE 002830929, 183p.)	Sim

20	BAE, Ester	Uma nova face da imigração: um estudo dos expatriados Sul Coreanos e sua inserção social em São Paulo.	2019	PUC-SP	SP	Mestrado	Ciências Sociais	Sem ficha catalográfica	Sim
21	LEITE, Eanne Palacio	Mobilidades e turismo urbano: estudo sobre o legado étnico da comunidade coreana no Bom Retiro (São Paulo / Brasil).	2020	USP/EACH	SP	Mestrado	Desenvolvimento em Turismo	Biblioteca da EACH - Esc. Artes Ciências Hum. (TESE 002987511, 160p.)	Sim

Fonte: Produção do próprio autor.

Conclusão

***Versão digital:**

11. <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/21229>
12. <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2667>
13. <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp132828.pdf>
14. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12372>
15. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269808>
16. <http://periodicos.anhembi.br/arquivos/trabalhos001/408751.pdf>
17. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-083935/pt-br.php>
18. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-05092016-133007/pt-br.php>
19. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-09032017-142226/pt-br.php>
20. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22437>
21. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100140/tde-27012020-173735/pt-br.php>